

eBook Gratuito

divulgado pela **EDITORA FIEL**

A Editora Fiel divulga conteúdo gratuito e promoções exclusivas através do Informativo Fiel. Cadastre o seu email para o receber.

Acesse:

editorafiel.com.br/informativo

Todos os direitos são reservados.

É expressamente proibido editar ou vender este eBook.

*A Palavra de Deus é viva... penetra até ao ponto
de dividir alma e espírito... Hb 4.12*

PENETRADO
PELA
PALAVRA

TRINTA E UMA
MEDITAÇÕES *para* SUA ALMA

JOHN
PIPER

PENETRADO PELA PALAVRA

Traduzido do original em inglês:

Pierced by the Word by John Piper

Copyright © 2003 by Desiring God Foundation

Published by Multnomah Publishers, Inc.

601 N. Larch Street, Sisters, Oregon 97759 USA

Todos os direitos para traduções em outros idiomas

devem ser contratados através de

Gospel Literature International

P.O. Box 4060, Ontario, California 91761-1003 USA

ISBN N^o 85 - 99145 - 13 - 4

Primeira edição em português © 2005 Editora Fiel

Todos os direitos reservados. É proibida a
reprodução deste livro, no todo ou em parte,
sem a permissão escrita dos Editores.

Tradução: Francisco Wellington Ferreira

Revisão: Marilene Paschoal

Daniel Deeds

Diagramação: Christiane de Medeiros dos Santos

Capa: Edvanio Silva

Direção de Arte: Rick Denham

EDITORIA FIEL DA

MISSÃO EVANGÉLICA LITERÁRIA

Caixa Postal 81

12201-970 São José dos Campos - SP



*Aos pastores que penetram a alma com
a Verdade, como cirurgiões
e não como assassinos.*



*“Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz,
e mais cortante do que qualquer
espada de dois gumes,
e penetra até ao ponto de dividir alma
e espírito, juntas e medulas,
e é apta para discernir os pensamentos
e propósitos do coração.”*

Hebreus 4.12

índice

UMA PALAVRA AO LEITOR	7
1 QUÃO SINGULAR E MARAVILHOSO É O AMOR DE CRISTO!	9
2 DEUS É O EVANGELHO	14
3 PENETRADO PELA PALAVRA DE DEUS	18
4 NÃO SEJA MERA SOMBRA E ECO	23
5 BEBENDO SUCO DE LARANJA PARA A GLÓRIA DE DEUS	27
6 ORAÇÕES EXTENSAS E AMPLAS, MAS NÃO-INSÍPIDAS	31
7 O QUE É HUMILDADE?	35
8 DESERTO, ADORAÇÃO, TRAIÇÃO, DEUS	40
9 COMO SER UM REFÚGIO PARA SEUS FILHOS	45
10 CONHECENDO MAIS A DEUS, POR ESTAR ELE LEVANDO NOSSOS FARDOS	50
11 PERSEVERE NA ORAÇÃO	56
12 POR QUE A CRENÇA NO INFERNO É FUNDAMENTAL?	60
13 PARA VÓS, QUE CREDES, ELE É A PRECIOSIDADE	65
14 O QUE JESUS QUER?	69
15 COMO A LEI ME AJUDA A CONHECER MEU PECADO?	73

16	UM ANELO PELA PUREZA VERSUS ORAÇÃO PASSIVA	79
17	A LUTA PELA BÊNÇÃO DO CAFÉ DA MANHÃ	84
18	VOCÊ TEM SOMENTE UMA VIDA PRECIOSA	89
19	TERRORISMO, JUSTIÇA E AMOR POR NOSSOS INIMIGOS	94
20	COMO EXPERIMENTAMOS O AMOR DE DEUS NO CORAÇÃO?	98
21	RAZÕES POR QUE OS CRENTES NÃO PRECISAM FICAR COM MEDO	103
22	ACEITANDO A DOR DA VERGONHA	109
23	JESUS AJUDA OS DISCÍPULOS A AUMENTAREM SUA FÉ	113
24	OS CAMINHOS ESTRANHOS DO NOSSO MARAVILHOSO EDIFICADOR	118
25	ESTRATÉGIAS PARA LUTAR CONTRA A LASCÍVIA	123
26	ORAÇÕES À HORA DAS REFEIÇÕES DA FAMÍLIA PIPER	129
27	NUNCA É CORRETO FICAR IRADO CONTRA DEUS	133
28	A IGREJA ERA IMPUGNADA EM TODOS OS LUGARES	140
29	COM QUE TIPO DE MORTE VOCÊ GLORIFICARÁ A DEUS?	144
30	O PAI DE JOHN G. PATON	149
31	AJUDANDO OS CRENTES A TEREM SEGURANÇA DA SALVAÇÃO	155

UMA PALAVRA AO LEITOR

EU AMO A PALAVRA DE DEUS. E ESTOU DIZENDO-O com seriedade. Ela é terrível. “A voz do SENHOR... desnuda os bosques” (Sl 29.9). Por meio de sua Palavra, Deus criou o universo. E, quando o seu Filho vier novamente, a Palavra dEle será como “uma espada afiada, para com ela ferir as nações” (Ap 19.15). Por isso, eu tremo diante da Palavra de Deus.

Mas este tremer é agradável. Existe uma promessa vinculada a este tremer. Deus afirma: “O homem para quem olharei é este: o aflito e abatido de espírito e que treme da minha palavra “ (Is 66.2). Nem todo o “olhar” de Deus é desejável, mas este olhar, devemos almejá-lo. Este é o olhar abençoador. E, quando Deus abençoa o aflito e contrito, a sua Palavra se torna vida. “Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna” (Jo 6.68).

Sim, a Palavra penetra. E existe uma dor. Mas, para aqueles que crêm na Palavra viva, Jesus Cristo, todo o penetrar da Palavra de Deus será agradável, em última

análise. A ferida será raspada. O câncer será extraído. O veneno, removido. Para aqueles que confiam na severa misericórdia de Jesus, todo o penetrar traz cura.

Rogo a Deus que estas meditações revelarão a Palavra de Deus, ao invés de ocultá-la. Que estas meditações se tornem, em sua vida, a incorporação viva da Palavra de Deus e penetrem os recessos de sua alma. Deus tem uma boa obra a fazer ali.

John Piper

Mais conteúdo gratuito:



[E-Book]

O Que é uma Igreja Saudável?

Mark Dever

Por seguir os exemplos dos autores do Novo Testamento e dirigir-se aos membros da igreja, desde o pastor aos membros regulares, Mark Dever desafia todos os crentes a fazerem sua parte no cuidado para com a igreja local. Este livro oferece verdades atemporais e princípios práticos para ajudar-nos a cumprir nosso papel, dado por Deus, no corpo de Cristo.



[audioBook]

Quando Pecadores Dizem "Sim"

Dave Harvey

As pessoas chegam ao casamento com visões de mundo bem distintas, o que traz inúmeros transtornos na vida conjugal. Esta obra cativante e bem humorada de Dave Harvey trata da questão do pecado no casamento com muita franqueza, mostrando que só o poder transformado do pecado pode vencê-lo.



[vídeo]

Plena Satisfação em Deus

John Piper

Esta série de palestras trata de uma questão muito negligenciada hoje em dia – o fato de buscarmos nossa alegria em Deus. Existimos para glorificar a Deus e nos alegrarmos eternamente nele. Com muita sensibilidade, o Pr. John Piper argumenta biblicamente que Deus é mais glorificado em nós quando estamos mais satisfeitos nele.

Clique aqui e acesse!

QUÃO SINGULAR E MARAVILHOSO É O AMOR DE CRISTO!

POR MUITOS ANOS, TENHO PROCURADO ENTENDER como a centralidade de Deus em Si mesmo se relaciona com o seu amor por pecadores como eu. Muitas pessoas não vêem a paixão de Deus por sua própria glória como um ato de amor. Uma das razões para isto é o fato de que temos absorvido a definição do mundo a respeito do amor. O mundo diz: você é amado quando *é mimado*.

O maior problema desta definição de amor é que, ao tentarmos aplicá-la ao amor de Deus por nós, ela distorce a realidade. O amor de Deus por nós *não* se revela principalmente em que Ele nos *valoriza*, e sim em que Ele nos dá a capacidade de nos regozijarmos em *apreciá-Lo* para sempre. Se centralizamos e focalizamos o amor de Deus em nosso valor, estamos nos afastando do que é mais

precioso, ou seja, Ele mesmo. O amor labuta e sofre para nos cativar com aquilo que é infinita e eternamente satisfatório: *Deus mesmo*. Por conseguinte, o amor de Deus labuta e sofre para aniquilar nossa escravidão ao ídolo do “eu” e focalizar nossas afeições no tesouro de Deus.

Podemos ver isto, de maneira surpreendente, na história da enfermidade e morte de Lázaro, em João 11.1-6:

- 1 Estava enfermo Lázaro, de Betânia, da aldeia de Maria e de sua irmã Marta.
- 2 Esta Maria, cujo irmão Lázaro estava enfermo, era a mesma que ungiu com bálsamo o Senhor e lhe enxugou os pés com os seus cabelos.
- 3 Mandaram, pois, as irmãs de Lázaro dizer a Jesus: Senhor, está enfermo aquele a quem amas.
- 4 Ao receber a notícia, disse Jesus: Esta enfermidade não é para morte, e sim para a glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja por ela glorificado.
- 5 Ora, amava Jesus a Marta, e a sua irmã, e a Lázaro.
- 6 Quando, pois, soube que Lázaro estava doente, ainda se demorou dois dias no lugar onde estava.

Observe três coisas admiráveis:

1. Jesus escolheu deixar Lázaro morrer. No versículo 6, lemos: “Quando, pois, soube que Lázaro estava doente, ainda se demorou dois dias no lugar onde estava”. Não houve pressa. A intenção de Jesus não era impedir o sofrimento da família, e sim ressuscitar Lázaro dentre os mortos. Isto seria verdade mesmo se Lázaro já estivesse morto, quando o mensageiro chegou a Jesus. Ele deixou Lázaro morrer ou permaneceu por mais tempo, para deixar evidente que não tinha pressa de trazer alívio imediato ao sofrimento. Algo mais importante O impelia.
2. Jesus era motivado pelo amor para com a glória de Deus, manifestada em seu tremendo poder. No versículo 4, Ele disse: “Esta enfermidade não é para morte, e sim para a glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja por ela glorificado”.
3. Entretanto, tanto a decisão de deixar Lázaro morrer como a motivação de glorificar a Deus foram expressões de amor para com Maria, Marta e Lázaro. O evangelista João nos mostra isto pela maneira como ele uniu os versículos 5 e 6: “Ora, amava Jesus a Marta, e a sua irmã, e a Lázaro. Quando, *pois*, soube que Lázaro estava doente, ainda se demorou dois dias no lugar onde estava”.

Oh! Muitas pessoas — inclusive crentes — murmurariam por haver Jesus, insensivelmente, deixado Lázaro morrer e permitir que Marta, Maria e Lázaro e outros passassem por aquele sofrimento e infelicidade! E, se os nossos contemporâneos percebessem que Jesus fez isso motivado pelo desejo de magnificar a glória de Deus, quantos não considerariam a atitude de Jesus como insensível e severa? Isto revela quanto a maioria das pessoas estima levar uma vida livre de sofrimentos muito mais do que estima a glória de Deus. Para a maioria das pessoas, o amor é aquilo que coloca o bem-estar humano como o centro de tudo. Por conseguinte, o comportamento de Jesus é ilógico para tais pessoas.

Não podemos ensinar a Jesus o que o amor significa. Não podemos instruí-Lo a respeito de como Ele nos deve amar e colocar-nos no centro de tudo. Devemos aprender dEle o que significa o amor e o que é o verdadeiro bem-estar. *O amor é fazer tudo que for necessário para ajudar os outros a verem e experimentarem a glória de Deus em Cristo, para todo o sempre.* O amor mantém a Deus no centro, porque a alma foi criada para Deus.

Nas palavras de sua oração, Jesus confirma que estamos certos: “Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que *vejam a minha glória* que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo” (Jo 17.24). Podemos presumir que esta oração seja um ato de amor de Jesus. Mas, o que Ele pediu? Pediu que, no fim, vejamos a sua glória. O amor dEle por nós O

torna central. Jesus é o único Ser cuja auto-exaltação é um ato sublime de amor. Isto é verdade porque a realidade mais satisfatória que podemos conhecer é Jesus. Portanto, para nos dar esta realidade, Ele tem de dar-nos a Si mesmo. O amor de Jesus O impeliu a orar e a morrer por nós, não para que o *nosso* valor se tornasse central, e sim para que *a glória dEle* se tornasse central e pudéssemos vê-la e desfrutá-la por toda a eternidade. “Pai, a minha vontade é que... estejam também comigo... para que *vejam a minha glória*”. Isto é o que significa para Jesus o amar-nos. O amor divino labuta e sofre para nos cativar com aquilo que é infinita e eternamente satisfatório: Deus em Cristo. Oh! Que vejamos a glória de Cristo — pela qual Ele deixou Lázaro morrer e pela qual Ele foi à cruz.



Ó Deus, cativa-nos com este amor,
Abre-nos os olhos do coração, para vermos
E provarmos a glória de Cristo.
E, quando cativados por
Sermos amados desta maneira,
Faça-nos amorosos como Jesus.
Labutemos e soframoss para levar muitos,
Quantos pudermos, a este amor todo-satisfatório.
Em nome de Jesus, oramos. Amém.

DEUS É O EVANGELHO

VOCÊ JÁ SE PERGUNTOU POR QUE O PERDÃO DE Deus é valioso? Ou, se a vida eterna é valiosa? Já se perguntou por que alguém quer ter a vida eterna? Por que desejamos viver para sempre? Estas questões são importantes por ser possível desejarmos perdão e vida eterna por motivos que comprovam que não os temos.

Por exemplo, considere o assunto do perdão. Talvez você queira o perdão de Deus por que está muito infeliz com sentimentos de culpa. Você quer alívio. Se puder crer que Deus o perdoa, você terá algum alívio, mas não necessariamente a salvação. Se quer o perdão somente por causa de alívio emocional, você não receberá o perdão *de Deus*. Ele não dá o seu perdão àqueles que o usam apenas para ter os dons dEle e não a Ele mesmo.

Ou, talvez, você queira ser curado de uma enfermidade

ou conseguir um emprego e encontrar uma esposa. Então, você ouve que Deus pode ajudá-lo a obter estas coisas, mas que, primeiramente, seus pecados teriam de ser perdoados. Alguém o exorta a crer que Cristo morreu por seus pecados e lhe diz que, se você crer nisto, seus pecados serão perdoados. Conseqüentemente, você crê, a fim de que seja removido o obstáculo à sua saúde e consiga um emprego ou uma esposa. Isto é salvação pelo evangelho? Não creio que seja.

Em outras palavras, o que você espera receber por meio do perdão é importante. O motivo por que você deseja o perdão é importante. Se quer o perdão tão-somente por que deseja gozar da criação, então, o Criador não é honrado e você não é salvo. O perdão é precioso por uma única razão: ele o capacita a desfrutar da comunhão com Deus. Se esta não é razão por que você quer o perdão, você não o terá de maneira alguma. Deus não será usado como moeda para a compra de ídolos.

Também perguntamos: por que desejamos ter a vida eterna? Alguém pode responder: “Porque o inferno é a alternativa dolorosa”. Outro pode dizer: “Porque não haverá nenhuma tristeza no céu”. Outro pode replicar: “Meus queridos foram para o céu, e quero estar com eles”. Outros poderiam sonhar com sexo e alimentos intermináveis, ou com algo mais nobre. Em tudo isso, Alguém está ausente: *Deus*.

O motivo salvífico para querermos a vida eterna é apresentado em João 17.3: “E a vida eterna é esta: que te

conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste”. Se queremos a vida eterna por ela significar outra coisa, e não o regozijo em Deus, não teremos essa vida. Enganamos a nós mesmos dizendo que somos cristãos, se usamos o glorioso evangelho de Cristo para buscar o que amamos mais do que buscamos o próprio Cristo. As “boas-novas” não se comprovarão como boas para qualquer pessoa que não tenha a Deus como seu principal bem.

Jonathan Edwards apresentou esta verdade em um sermão¹ à sua igreja, em 1731. Leia estas palavras lentamente e permita que elas o despertem para a verdadeira vida e o verdadeiro bem do perdão.

Os redimidos têm todo o seu verdadeiro bem em Deus. Ele mesmo é o grande bem que possuem e desfrutam por meio da redenção. Deus é o bem mais sublime, a suma de todo o bem que Cristo adquiriu. Deus é a herança dos santos; é o quinhão da alma deles. Ele é a riqueza e o tesouro, o alimento, a vida, a habitação, o ornamento e a coroa, a glória eterna e duradoura dos santos. Eles não têm nada no céu, exceto a Deus. Ele é o grande bem no qual os crentes

1. Wilson H. Kimnach, Kenneth P. Minkema, and Douglas A. Sweeney, ed., *The Sermons of Jonathan Edwards: A Reader* (New Haven, CT: Yale University Press, 1999), pp. 74-75.

são recebidos na morte e para o qual eles devem ressurgir no fim do mundo. O Senhor Deus, Ele é a luz da Jerusalém celestial; é o “rio da água da vida” que corre e a “árvore da vida” que cresce “no paraíso de Deus”. As gloriosas excelências e belezas de Deus fascinarão para sempre a mente dos santos, e o amor de Deus será o deleite eterno deles. Com certeza, os redimidos desfrutarão outras alegrias. Eles se alegrarão com os anjos e uns com os outros. Mas aquilo que lhes encantará nos anjos e uns nos outros, ou em qualquer outra coisa; aquilo que lhes proporcionará deleite e felicidade será o que de Deus poderá ser visto neles.



*Ó Deus, todo-satisfatório, perdoa-nos por fazermos
De teus excelentes dons um substituto para Ti.
Somos tão propensos a trocar o retrato pela pessoa.
Satisfaze-nos contigo mesmo. Tu prometeste na Nova Aliança:
“Todos me conhecerão, desde o menor deles até ao maior”.
Que este seja o nosso quinhão, agora — um tipo de conhecimento,
Ó Deus, que valoriza Aquele que conhecemos.
Nos faça experimentar o evangelho em toda a sua plenitude,
Que é Cristo crucificado e ressuscitado pelos pecadores,
Para trazer-nos de volta a Ti.
Em nome dEle, oramos. Amém.*

três

PENETRADO PELA PALAVRA DE DEUS

UMA MEDITAÇÃO SOBRE HEBREUS 4.12

*Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz,
e mais cortante do que qualquer
espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de
dividir alma e espírito, juntas e medulas,
e é apta para discernir os pensamentos
e propósitos do coração.*

OH! COMO PRECISAMOS CONHECER A NÓS MESMOS!
Somos salvos? Estamos vivos em Cristo? Existe somente
um instrumento que cria, detecta e confirma a vida eterna
na alma do homem — ou seja, a Palavra de Deus. Portanto,
o que Hebreus 4.12 afirma a respeito da Palavra é
importantíssimo.

“A Palavra de Deus”

A expressão “Palavra de Deus” pode significar uma palavra falada por Deus sem um porta-voz humano. Mas, no Novo Testamento, esta expressão normalmente significa uma palavra ou mensagem que um homem fala como representante de Deus. Por exemplo, Hebreus 13.7 diz: “Lembraí-vos dos vossos guias, os quais vos pregaram a palavra de Deus; e, considerando atentamente o fim da sua vida, imitai a fé que tiveram”. Portanto, a expressão, “Palavra de Deus”, em Hebreus 4.12, provavelmente se refere à verdade de Deus revelada nas Escrituras e que homens falaram uns para os outros na dependência da ajuda de Deus para entendê-la e aplicá-la.

“Viva e eficaz”

A Palavra de Deus não é morta ou ineficaz. Ela tem vida. E, devido a isso, ela produz resultados. Existe algo sobre a Verdade revelada por Deus, que a conecta com Deus como a fonte de toda a vida e poder. Deus ama a sua Palavra. Ele tem predileção por sua Palavra. Ele a honra com sua presença e poder. Se queremos que nosso ensino e testemunho produza efeitos, devemos permanecer fiéis a Palavra revelada de Deus.

*“Mais cortante do que qualquer espada
de dois gumes, e penetra até ao ponto de*

dividir alma e espírito, juntas e medulas.”

O que faz esta Palavra viva e eficaz? Ela penetra. Com que propósito? Para dividir. O quê? Alma e espírito. O que isto significa?

O escritor sagrado nos dá uma analogia. É semelhante a dividir juntas e medulas. As juntas são a parte mais grossa, dura e exterior do osso. As medulas são a parte mais mole, macia, viva e interior do osso. Isso é uma analogia de “alma e espírito”. A Palavra de Deus é como uma espada bastante afiada, capaz de cortar diretamente da parte exterior, dura e grossa do osso até à sua parte interior, macia e viva. Algumas espadas, menos afiadas, podem atingir um osso, resvalar e não penetrar. Outras espadas penetram somente até ao meio das juntas grossas e duras de um osso. Mas uma espada pontuda, bem afiada, de dois gumes (afiados em cada lado da ponta), penetrará a junta até alcançar a medula. “Alma e espírito” são como juntas e medulas de ossos. “Alma” é aquela dimensão invisível da vida que somos por natureza. “Espírito” é aquilo que somos pelo novo nascimento sobrenatural. Jesus disse: “O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito” (Jo 3.6). Sem o poder vivificador, criador, regenerador do Espírito de Deus em nós, somos apenas um “homem natural”, e não um “homem espiritual” (1 Co 2.14-15). Por conseguinte, o “espírito” é aquela dimensão invisível de nossa vida que somos por meio da obra regeneradora do Espírito Santo.

Qual é o principal ensino da afirmativa de que a “Palavra de Deus” penetra até ao ponto de “dividir alma e espírito”? O principal ensino desta afirmativa é que a Palavra de Deus revela o nosso verdadeiro “eu”. Somos espirituais ou naturais? Somos nascidos de Deus e estamos espiritualmente vivos? Ou enganamos a nós mesmos e ainda estamos espiritualmente mortos? “Os pensamentos e propósitos” de nosso coração são espirituais ou apenas naturais? Somente a “Palavra de Deus” pode “discernir os pensamentos e propósitos do coração”, como afirma Hebreus 4.12.

Falando em termos práticos, quando lemos ou ouvimos a Palavra de Deus, sentimos que ela penetra em nós mesmos. O efeito deste penetrar é revelar se há espírito ou não. Existe medula e vida em nossos ossos? Ou somos apenas um esqueleto sem medula viva? Existe “espírito” ou somente “alma”? A Palavra de Deus penetra fundo o suficiente, para mostrar-nos a verdade de nossos pensamentos e motivos, e o nosso próprio “eu”.

Renda-se a esta Palavra de Deus, a Bíblia. Use-a para conhecer a si mesmo e confirmar sua própria vida espiritual. Se existe vida, haverá amor, gozo e um coração obediente à Palavra. Dedique-se a esta Palavra, de modo que suas palavras se tornem a Palavra de Deus para outros e revelem a condição espiritual em que eles estão. Então, sobre a ferida causada pela Palavra, derrame o bálsamo da Palavra.



*Oh! como amamos a tua Palavra, Pai!
É mais preciosa do que os tesouros da Terra.
Inclina nosso coração à tua Palavra
E destrói nossa servidão a outras coisas.
Oh! que vejamos maravilhas em tua Palavra.
Penetra a nossa alma e desperta a vida espiritual.
Confirma a medula de nossa fé e faça-nos autênticos,
Completamente. Não permita que Te sejamos falsos,
Infiéis, e torna-nos poderosos em teu Espírito.
Por meio de Cristo, oramos. Amém.*

NÃO SEJA MERA SOMBRA E ECO

NÃO SOMOS DEUS. POR CONSEQUENTE, COMPARADOS com a Realidade absoluta e final, somos pequeníssimos. Nossa existência é secundária e depende da absoluta Realidade de Deus. Ele é o único Ser auto-existente no universo. Somos derivados. Ele sempre existiu e não teve princípio. Portanto, ninguém Lhe deu forma. Nós, pelo contrário, recebemos forma. Ele simplesmente é. Nós, porém, fomos criados. “EU SOU O QUE SOU” é o nome dEle (Êx 3.14).

No entanto, visto que Ele nos fez com o mais sublime propósito para uma criatura — desfrutar e manifestar a glória do Criador — podemos ter uma vida bastante substancial, que dura para sempre. Esta é a razão por que fomos criados (“Tudo foi criado por meio dele e *para* ele” — Cl 1.16). Esta é a razão por que nossa sexualidade foi redimida (“Fugi da impureza... Porque fostes comprados

por preço. Agora, pois, *glorificai a Deus no vosso corpo*” — 1 Co 6.18, 20). Esta é a razão por que comemos e bebemos (“Portanto, quer comais, quer bebeis ou façais outra coisa qualquer, *faizei tudo para a glória de Deus*” — 1 Co 10.31). Esta é a razão por que oramos (“E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, *a fim de que o Pai seja glorificado no Filho*” — Jo 14.13). Esta é a razão por que fazemos boas obras (“Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e *glorifiquem a vosso Pai* que está nos céus — Mt 5.16).

Esta é a razão por que existimos — manifestar a glória de Deus. A vida humana é completamente centralizada em Deus. Este é o significado de sermos humanos. Nossa natureza foi criada para engrandecer a Deus. A nossa glória consiste em dar glória a Deus. Quando cumprimos esta razão de sermos, temos substância. Existe valor e significado em nossa existência. Conhecer, desfrutar e manifestar a glória de Deus é um compartilhamento da glória de Deus. Não nos tornamos Deus. Mas um pouco da grandeza e beleza de Deus está sobre nós, quando cumprimos este propósito de nossa existência — refletir a excelência de Deus. Esta é a nossa substância.

Não cumprir este propósito para a existência humana corresponde a ser uma mera *sombra* da substância que Deus tencionava possuírmos quando nos criou. Não manifestar a glória de Deus por desfrutarmos dEle mesmo, acima de qualquer outra coisa, é ser apenas um *eco* da música que Deus tencionou que fariamos quando nos criou.

Esta é uma grande tragédia. Os seres humanos não foram criados para serem apenas sombras e ecos. Fomos criados para termos as características de nosso Deus, para fazermos música divina e causarmos um impacto divino. Isto é o que significa ser criado à imagem de Deus (Gn 1.27). Mas, quando os homens abandonam o seu Criador e amam mais as outras coisas, eles se tornam semelhantes às coisas que amam — insignificantes, fúteis, sem valor, inconseqüentes e depreciadores de Deus.

Veja como o salmista apresentou este fato: “Os ídolos das nações são prata e ouro, obra das mãos dos homens. Têm boca e não falam; têm olhos e não vêem; têm ouvidos e não ouvem; pois não há alento de vida em sua boca. *Como eles se tornam os que os fazem e todos os que neles confiam*” (Sl 135.15-18; veja também Sl 115.4-8).

Pense e trema. Você se torna semelhante às coisas feitas pelos homens e nas quais você confia: mudo, cego, surdo. Isto é uma sombra da existência. É um mero eco do que Deus tencionou você deveria ser. É uma mímica vazia no palco da História, com muito movimento e pouco significado.

Querido leitor, não seja sombra e eco. Livre-se do espírito de centralidade no homem, uma epidemia de nossa época. Olhe com determinação, para ver, conhecer e desfrutar a vida na luz do Senhor. “Vinde, ó casa de Jacó, e andemos na luz do SENHOR” (Is 2.5). Na luz do Senhor, você *O* verá, bem como a todas as coisas como realmente são. Você despertará da sonolência de uma existência na

terra das sombras. Você anelará por substância e a encontrará. Fará de sua vida uma música divina. A morte será apenas uma viagem rumo ao Paraíso. E o que você deixar para trás não serão sombras e ecos, e sim um tributo na terra, escrito no céu, à triunfante graça de Deus.



*Ó Pai, como tememos o desperdício de nossos anos!
Perdoa-nos por amarmos o envolver-nos com coisas vazias
E por nosso pequeno amor para contigo.
Faz-nos perceber a fé letal em ídolos inocentes.
Dá-nos ser sadiamente livres de todas as jóias sem valor.
Faz-nos levar o peso de glória
E torna-nos mais semelhantes a teu Filho.
Em seu nome todo-sustentador, oramos. Amém.*

BEBENDO SUCO DE LARANJA PARA A GLÓRIA DE DEUS

QUANDO ME PERGUNTAM: “A DOCTRINA DA DEPRAVAÇÃO Total é bíblica?”, minha resposta é: “Sim”. Uma das coisas que pretendo dizer com esta resposta é que todas as nossas ações (sem a graça salvadora) são moralmente maculadas. Em outras palavras, tudo o que o incrédulo faz é pecaminoso e, portanto, inaceitável a Deus.

Uma de minhas razões para crer nisto encontra-se em 1 Coríntios 10.31: “Quer comais, quer bebaís ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus”. É pecado desobedecermos este mandamento das Escrituras? Sim.

Por isso, chego a esta triste conclusão: é pecado alguém comer, ou beber, ou fazer qualquer outra coisa, se *não* for para a glória de Deus. Em outras palavras, o pecado não é apenas uma lista de coisas prejudiciais (matar, roubar, etc.). Pecamos quando deixamos Deus fora de consideração nas

realizações triviais de nossa vida. Pecado é qualquer coisa que fazemos, que não seja feito para a glória de Deus.

Mas, o que os incrédulos fazem para a glória de Deus? Nada. Conseqüentemente, tudo o que eles fazem é pecaminoso. É isso que pretendo dizer, quando afirmo que, sem a graça salvadora, tudo que fazemos é moralmente ruim.

Evidentemente, isto suscita uma questão prática: como podemos “comer e beber” para a glória de Deus? Tal como, por exemplo, beber suco de laranja no café da manhã?

Uma das respostas encontra-se em 1 Timóteo 4.3-5:

...[alguns] proíbem o casamento e exigem abstinência de alimentos que Deus criou para serem recebidos, com ações de graças, pelos fiéis e por quantos conhecem plenamente a verdade; pois tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graças, nada é recusável, porque, pela palavra de Deus e pela oração, é santificado.

Suco de laranja foi criado para ser “recebido com *ações de graças*, pelos fiéis e por quantos conhecem plenamente a verdade”. Portanto, os incrédulos não podem usar suco de laranja para cumprir o propósito que Deus tencionou — ou seja, uma ocasião para *ações de graça* sinceras, dirigidas a Ele, provenientes de um coração de *fé*.

Mas os crentes podem, e esta é a maneira como

glorificam a Deus. O suco de laranja que eles bebem é santificado “pela palavra de Deus e pela oração” (1 Tm 4.5). A *oração* é a nossa humilde resposta de agradecimento do coração. *Crer* nesta verdade, apresentada na Palavra de Deus, e oferecer *ações de graça*, em oração, é uma das maneiras de bebermos suco de laranja para a glória de Deus.

A outra maneira é bebermos com amor. Por exemplo, não insista na porção maior. Isto é ensinado no contexto de 1 Co 10.33: “Assim como também eu procuro, em tudo, ser agradável a todos, *não buscando o meu próprio interesse, mas o de muitos, para que sejam salvos*”. “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1 Co 11.1). Tudo o que fazemos — inclusive beber suco de laranja — pode ser feito com a intenção e a esperança de que será proveitoso para muitos, a fim de que sejam salvos.

Louvemos a Deus porque, pela sua graça, fomos libertos da ruína completa de nossos atos. E façamos tudo, quer comamos, quer bebamos, para a glória de nosso grande Deus!



*Pai, toda boa dádiva procede de Ti.
Até a habilidade de recebê-las vem de Ti.
Apreciamos confessar nossa dependência de Ti
Quanto às pequenas e às grandes coisas.
Não nos dês nada que esteja separado de Ti.
Em todo o tempo, faça-nos conscientes de que
Tudo obtém seu verdadeiro significado
A partir da maneira como se relaciona a Ti.
Seja o nosso gozo o unirmos ao suco de laranja —
E a todas as demais coisas — à tua graça.
Com abundante gratidão, oramos, em nome de Jesus. Amém.*

ORAÇÕES EXTENSAS E AMPLAS, MAS NÃO-INSÍPIDAS

ESTE É UM DOS FATOS ADMIRÁVEIS SOBRE AS ORAÇÕES da Bíblia: quão grandes e abrangentes freqüentemente elas são. Mas não têm aquele tom vago de “Ó Deus, abençoa os missionários”, que parece tão fraco. Às vezes, tentamos remediar este erro, acrescentando: “Devemos fazer orações específicas em favor dos outros, apresentando suas necessidades específicas, e não orações generalizadas”. Isso é verdade. Devemos orar assim.

No entanto, existe outro motivo por que nossas grandes orações cotidianas parecem insípidas, enquanto as grandes orações na Bíblia não o eram. Freqüentemente, as nossas orações não contêm muito da pessoa de Deus e não expressam as grandes bênçãos espirituais que desejamos Deus realize em favor dos “missionários”, ou pelas

“nações”, ou pelo “mundo”, ou pelos “perdidos”. As palavras “Deus abençoe” não pareceriam tão vagas e frágeis, se dissessem que tipo de bênção desejamos para eles. Existe um mundo de diferença entre “Senhor, ajuda os nossos missionários” e “Senhor, ajuda os nossos missionários a beberem abundantemente do rio de teus deleites”, ou “Senhor, ajuda os nossos missionários a se regozijarem nas tribulações e lembrarem-se de que as tribulações produzem perseverança, e a perseverança, esperança”.

Orações extensas e generalizadas tornam-se poderosas, quando são preenchidas com os objetivos bíblicos, concretos e radicais, em favor da pessoa por quem oramos. Em Mateus 6.9,10, “Santificado seja o teu nome... faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu” é uma oração sublime, de amplo alcance. Ela roga por duas coisas concretas: que em todo o mundo o nome de Deus seja considerado precioso e que corações sejam transformados para fazerem a vontade de Deus, com o mesmo zelo e pureza que os anjos têm no céu.

Mencionar estes objetivos espirituais, com fervor, transforma nossas generalizações insípidas em generalizações dinâmicas. Portanto, não deixe de fazer orações extensas e de amplo alcance. Por exemplo, em Efésios 6.18, Paulo disse que devemos orar “em todo tempo no Espírito... com toda perseverança e súplica por todos os santos”. Pense nisso. Que inacreditável alcance e generalização. **TODOS** os santos! Você faz isso? Ora por *todos* os santos? Admito que não o tenho feito com bastante freqüência. Meu coração é mui-

to pequeno. Mas estou tentando levá-lo a esta amplitude. A Bíblia o ordena.

Estas palavras de Paulo não parecem tão simples como: “Ó Deus, abençoa todos os santos”. Parecem robustas e de notável amplitude, como: “Ó Deus, olha para toda a tua igreja, em todos os lugares, e tem misericórdia; desperta-a e dá-lhe nova vida, esperança, pureza doutrinária e santidade, de modo que todos os santos permaneçam fortes e Te glorifiquem em dias de tentação e provação”.

Façamos grandes orações em favor dos bilhões de perdidos e dos milhões de pessoas que vivem na “Janela 10/40”. Paulo disse: “Finalmente, irmãos, orai por nós, para que a Palavra do Senhor se propague e seja glorificada, como também está acontecendo entre vós” (2 Ts 3.1). Oh! que Deus faça esta obra em nossos dias! Encorajo todos os meus leitores a comprarem o livro *Intervenção Mundial*, escrito por Patrick Johnstone (um guia de oração em favor de todos os países do mundo). Depois, faça orações intensas e abrangentes em favor das pessoas e dos missionários desta vasta região chamada Janela 10/40.

A Janela 10/40 se estende do oeste da África até ao leste da Ásia, de 10° ao norte até 40° ao sul do Equador. Esta região contém três dos maiores blocos religiosos do mundo. A maioria das pessoas entenebrecidas na incredulidade pelo islamismo, hinduísmo e budismo vive na Janela 10/40. Este é o lar da maioria dos povos não-evangelizados.

Embora a Janela 10/40 constitua somente 1/3 da área total da terra, é o lar de aproximadamente 2/3 da população

mundial, com aproximadamente 4 bilhões de pessoas. Dos 50 países menos evangelizados do mundo, 37 se encontram nesta Janela. E esses 37 países têm 95% da população total dos 50 países menos evangelizados.

Oitenta por cento das pessoas mais pobres do mundo, vive na Janela 10/40. Em média, eles vivem com uma renda inferior a 500 dólares anuais, por pessoa. Embora 2,4 bilhões dessas pessoas vivam na Janela 10/40, somente 8% de todos os missionários trabalham entre elas. Com certeza, este é um assunto digno de orações intensas, abrangentes e bíblicas!



*Grande Deus, de graça abundante,
Move o nosso coração a orar
Por teu poder salvador entre as nações.
Inquieta-nos com a triste situação dos povos
Que não têm acesso ao evangelho.
Concede-nos orações amplas, globais,
Do tamanho de Deus, e saturadas com a Bíblia.
Não deixes que percamos de vista as ovelhas perdidas.
Mas, ó Deus, dá-nos uma paixão
Por teu propósito para o mundo,
De chamar tuas ovelhas,
De cada povo da terra.
Para a glória de Cristo
E em nome dEle, oramos. Amém.*

O QUE É HUMILDADE?

EM 1908, O ESCRITOR INGLÊS G. K. CHESTERTON descreveu o embrião da cultura que hoje chamamos de pós-modernismo. Este já é um termo desgastado. Algum dia, os leitores o pesquisarão em um livro de História. Uma das características de seu “relativismo vulgar” (conforme o chama Michael Novak)¹ é o erro grave de tomar a palavra *arrogância* para referir-se à convicção e *humildade* para referir-se à dúvida. Chesterton viu a chegada do pós-modernismo:

O que sofremos hoje é de humildade no lugar errado. A modéstia se afastou do setor da ambição e se estabeleceu na área das convic-

1. Michael Novak, “Awakening from Nihilism,” *First Things*, no. 45 (Agosto/Setembro, 1994), pp. 20–21.

ções, o que nunca deveria ter acontecido. Um homem devia mostrar-se duvidoso a respeito de si mesmo, mas não a respeito da verdade; isto foi invertido completamente. Hoje, aquilo no qual o homem confia é exatamente aquilo em que ele não deveria confiar — nele mesmo. Aquilo que ele duvida é exatamente o que ele não deveria duvidar — a razão divina... O cético moderno propõe ser tão humilde que duvida se pode aprender... Existe uma humildade característica de nossa época; acontece, porém, que ela é uma humildade mais venenosa do que as mais severas prostrações dos ascéticos... A velha humildade fazia que o homem duvidasse de seus esforços, e isto, por sua vez, o levaria a trabalhar com mais empenho. Mas a nova humildade torna o homem duvidoso a respeito de seus alvos; e isto o faz parar de trabalhar completamente... Estamos a caminho de produzir uma raça de homens tão mentalmente modestos que serão incapazes de acreditar na tabuada de multiplicação.²

Vemos isso, por exemplo, no ressentimento para com os crentes que expressam a convicção de que os judeus

2. G. K. Chesterton, *Orthodoxy* (Garden City, NY: Doubleday, 1957), pp. 31–32.

(como as outras pessoas) precisam crer em Jesus, para serem salvos. A reação mais comum a esta convicção é que os crentes são arrogantes. A humildade contemporânea está firmemente arraigada no relativismo que evita conhecer a verdade e especificar o erro. Mas isto não é o que a humildade costumava significar.

Se a humildade não é aquiescência às exigências populares do relativismo, então, o que é humildade? Isto é importante, pois a Bíblia diz: “Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça” (1 Pe 5.5); e: “Pois todo o que se exalta será humilhado; e o que se humilha será exaltado” (Lc 14.11). A humildade, portanto, é sobretudo importante. Deus nos diz pelo menos cinco coisas a respeito da humildade:

1. A humildade começa com um senso de submissão a Deus, em Cristo. “O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo, acima do seu senhor” (Mt 10.24). “Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus” (1 Pe 5.6).
2. A humildade não sente que tem o direito de receber melhor tratamento do que o tratamento dado a Jesus. “Se chamaram Belzebu ao dono da casa, quanto mais aos seus domésticos?” (Mt 10.25.) Por conseguinte, a humildade não paga o mal com o mal. Não é uma vida baseada nos direitos percebidos. “Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para

seguirdes os seus passos... quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente” (1 Pe 2.21-23).

3. A humildade afirma a verdade não para apoiar o “eu” com o domínio e triunfos dos debates, mas como um serviço prestado a Cristo e expressão de amor para com o adversário. O amor “regozija-se com a verdade” (1 Co 13.6). “O que vos digo às escuras... Não temais” (Mt 10.27,28). “Não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus” (2 Co 4.5).
4. A humildade sabe que depende da graça de Deus para conhecer e crer. “Que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido?” (1 Co 4.7.) “Acolhei, com mansidão, a palavra em vós implantada, a qual é poderosa para salvar a vossa alma” (Tg 1.21).
5. A humildade sabe que é falível; por isso, reflete sobre o criticismo e aprende dele. Mas também sabe que Deus fez provisão para a convicção humana e nos convoca a persuadir os outros.

Agora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conheço

em parte; então, conhecerei como também sou conhecido (1 Co 13.12).

O sábio dá ouvidos aos conselhos (Pv 12.15).

Conhecendo o temor do Senhor, persuadimos os homens (2 Co 5.11).



*Ó Pai, quanto depender de nós,
Humilhamo-nos sob a tua poderosa mão.
Compadece-Te de nós, na luta contra o orgulho,
E ajuda-nos a mortificar tudo o que é arrogante
E que exalta o “eu”, em nossa vida.
Mostra nosso total desamparo sem Ti
E a doçura de tua misericórdia imerecida.
Fazê-nos andar em humildade e contrição de espírito.
E fazê-nos conhecer a grandeza de Cristo.
Em nome dEle, oramos. Amém.*

DESERTO, ADORAÇÃO, TRAICÃO, DEUS

UMA MEDITAÇÃO SOBRE O SALMO 63

SALMO DE DAVI, QUANDO NO DESERTO DE JUDÁ

- 1 Ó Deus, tu és o meu Deus forte; eu te busco ansiosamente; a minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja, como terra árida, exausta, sem água.
- 2 Assim, eu te contemplo no santuário, para ver a tua força e a tua glória.
- 3 Porque a tua graça é melhor do que a vida; os meus lábios te louvam.
- 4 Assim, cumpre-me bendizer-te enquanto eu viver; em teu nome, levanto as mãos.

- 5 Como de banha e de gordura farta-se a
minha alma; e, com júbilo nos lábios, a
minha boca te louva,
- 6 no meu leito, quando de ti me recordo e
em ti medito, durante a vigília da noite.
- 7 Porque tu me tens sido auxílio; à sombra
das tuas asas, eu canto jubiloso.
- 8 A minha alma apega-se a ti; a tua destra me
ampara.
- 9 Porém, os que me procuram a vida para a
destruir, abismar-se-ão nas profundezas da
terra.
- 10 Serão entregues ao poder da espada e virão
a ser pasto dos chacais.
- 11 O rei, porém, se alegre em Deus; quem por
ele jura gloriar-se-á, pois se tapará a boca
dos que proferem mentira.

O autor é Davi, quando era rei (vv. 1, 11). A situação é que alguém está procurando destruir a sua vida (v. 9). Isto corresponde ao tempo em que Absalão, o próprio filho de Davi, o coagiu a sair de Jerusalém (2 Sm 15.23). Coloque-se no lugar de Davi. Seu filho não é somente alienado, mas também hostil o suficiente para ter o desejo de ver seu pai morto. Eis um perigo mortal misturado com uma separação dolorosa de seu filho.

Aprenda de Davi o que fazer nos momentos angustiantes e aterrorizantes. Ele orou. Todo o salmo é dirigido a Deus. Davi não pede proteção, nem vitória; pede somente uma coisa — Deus mesmo, para satisfazer sua alma, como as águas satisfazem a sede em uma terra árida e exausta. “Ó Deus, tu és o meu Deus forte; eu te busco ansiosamente; a minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja, como terra árida, exausta, sem água” (v. 1). Há ocasiões de dor, perda, tristeza e escuridão, quando nada é digno de ser pedido, exceto Deus mesmo. Todas as outras coisas são triviais, inclusive a própria vida.

Essa é razão por que Davi afirmou: “Porque a tua graça é melhor do que a vida; os meus lábios te louvam” (v. 3). Davi poderia ser morto durante a noite, por algum traidor astuto que se vendera a Absalão. Como você dorme? Você relembra a si mesmo que o amor de Deus, na presença de Deus, é melhor do que ser vítima da morte, durante a noite. Porém, não sentimos com facilidade este descanso no constante amor de Deus. Dizemos as palavras, mas sentimos a realidade? Davi não o sentiu como desejava. Por isso, ele clamou: “Eu te busco ansiosamente; a minha alma tem sede de ti”. Davi precisava desesperadamente que Deus respondesse ao seu clamor de vir e ajudá-lo a provar — não apenas saber, mas também sentir — que a graça d’Ele é melhor do que a vida.

Oh! que conheçamos desta maneira a Deus! Isso não seria tudo para nós? Não seria mais do que riquezas, fama, sucesso e saúde — na realidade, mais do que tudo que o

mundo pode oferecer? Deus mesmo se aproximando e fazendo nossa alma beber de sua graça, até que todas as coisas desapareçam de nossa visão e o temor seja tragado pela inabalável segurança de gozo eterno à direita de Deus! Oh! que cheguemos a este lugar em nosso andar com Deus! Quando a salvação da própria vida e o livramento de seu filho deixam de ser os ídolos de Davi, e somente Deus o envolve no firme gozo de seu amor inabalável, Davi cantará de alegria nas tristezas da noite e, talvez, se Deus o quiser, ganhará de volta o seu filho.

De que maneira Deus veio a Davi e despertou o seu sabor espiritual, de modo que ele visse a Deus e ficasse satisfeito “como de banha e de gordura” (v. 5)? A resposta é que Davi lembrou-se dos dias de adoração na casa de Deus — “Eu te contemplo no santuário, para ver a tua força e a tua glória” (v. 2). Davi havia fugido de Jerusalém, o lugar de adoração corporativa do povo de Deus. E, em sua aflição, Davi recordou como era a adoração e o que ele contemplava na adoração.

Eis um grande anelo que tenho em relação à adoração coletiva de nossas igrejas — que, ao nos reunirmos, cantarmos, orarmos e ouvirmos a Palavra de Deus, Ele mesmo se mostre tão presente, em “força e glória”, que, nos anos por vir, se você for impedido deste privilégio imensurável, a própria recordação de tê-Lo visto na adoração O tornará real novamente para você.

Você orará comigo a Deus, rogando que Ele se encontre conosco desta maneira? Orará em favor de pastores e

líderes, suplicando que Deus lhes dê canções, orações, silêncio, Escrituras e sermões que serão tão repletos da verdade e do Espírito de Deus, que todos eles provarão e verão que “a graça de Deus é melhor do que a vida” — e tudo o mais que a vida pode oferecer?

E orará por si mesmo, suplicando que os sábados à noite e as manhãs de domingos se tornem ocasiões de preparação para o encontro com Deus — vestíbulos do lugar santo de adoração? Ore juntamente com Davi: “Ó Deus, tu és o meu Deus forte; eu te busco ansiosamente; a minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja, como terra árida, exausta, sem água”. Se esta oração estivesse em nossos lábios nos sábados à noite e nas manhãs dos domingos, Deus não abriria as fontes do céu e nos mostraria que sua “graça é melhor do que a vida”?



Este, ó Pai, é o clamor do nosso coração:

Provar e ver que Tu és bom.

Remove os calos de nossa língua espiritual

E dá-nos paladar que saboreia

A realidade de Cristo e de sua Palavra.

Impede que a rebelião de nossos filhos

Enfraqueça a nossa fé.

Possam os perigos e angústias da vida

Levar-nos a Ti, nosso gozo e descanso.

Em nome de Jesus, oramos. Amém.

COMO SER UM REFÚGIO PARA SEUS FILHOS

UMA MEDITAÇÃO SOBRE PROVÉRBIOS 14.26

*No temor do Senhor, tem o homem forte amparo,
e isso é refúgio para os seus filhos.*

SE PAPAI ESTÁ COM MEDO, PARA QUEM O FILHINHO se voltará? Supõe-se que os pais são seguros; que eles sabem o que fazer, como resolver problemas, consertar as coisas e, mais importante do que tudo, como proteger os filhos dos perigos. Mas, o que acontece quando uma criança vê o medo na face de seu pai? O que acontece se o pai está tão atemorizado quanto a criança e não sabe o que fazer? Então, ela fica perturbada e sente pânico.

No entanto, se o pai é confiante, o filho têm um refúgio. Se o pai não está apavorado, e sim calmo e firme, todas as

muralhas podem ruir; todas as ondas, quebrar-se; todas as serpentes podem sibilar; os leões, rugir; e os ventos, soprar, não haverá lugar mais seguro do que os braços do pai. O pai é um refúgio, enquanto está confiante. Esta é a razão por que Provérbios 14.26 diz: “Isso é refúgio para seus filhos”, se o pai tem forte confiança. A confiança do pai é um refúgio para o filho.

Pais, a batalha para sermos confiantes não é apenas a respeito de nós mesmos; é a respeito da segurança de nossos filhos. É uma batalha que se refere ao senso de segurança e felicidade deles. E sobre a questão se eles crescerão vacilantes ou firmes na fé. Até que os filhos conheçam a Deus, de maneira profunda e pessoal, somos a imagem e a incorporação de Deus na vida deles. Sendo pessoas confiantes, confiáveis e seguras para eles, é mais provável que eles se cheguem a Deus para tê-Lo como seu refúgio, quando as tempestades lhes sobrevierem.

Então, como podemos ter forte confiança? Antes de tudo, nós também somos crianças; vasos de barro, frágeis e quebradiços, que lutam com ansiedades e dúvidas. A melhor solução é usarmos a melhor aparência que tivermos e ocultarmos nosso verdadeiro “eu”? Na melhor das hipóteses, isso nos causará úlceras e, na pior, nos levará a uma duplicidade que desonra a Deus e repele os adolescentes. Esta não é a resposta.

Provérbios 14.26 nos oferece outra resposta: “No temor do SENHOR, tem o homem forte amparo”. Isto é muito estranho. Este versículo nos diz que a solução para o medo

é o temor. A solução para a timidez é o temor. A solução para a incerteza é o temor. A solução para a dúvida é o temor.

Como pode ser isto?

Parte da resposta é que o “temor do SENHOR” significa temer desonrar o Senhor; e isso implica ter medo de temer aquelas coisas sobre as quais o Senhor nos prometeu ajuda para vencê-las. Em outras palavras, o temor do SENHOR é um grande destruidor de temores.

Se o Senhor diz: “Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a minha destra fiel” (Is 41.10), é algo temeroso inquietar-nos a respeito do problema sobre o qual Ele diz que nos ajudará. Temor esse problema, quando Ele diz: “Não temas, porque eu te ajudo”, é um voto de desconfiança contra a Palavra de Deus e uma grande desonra para Ele. E o temor do SENHOR treme desonrar a Deus.

O Senhor diz: “De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei”. Portanto, afirmemos confiantemente: “O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem?” (Hb 13.5,6.) Se o Senhor lhe diz isso, não confiar na presença e ajuda dEle, conforme nos prometeu, é um tipo de orgulho. Coloca a nossa avaliação do problema acima do próprio Deus. Esta é a razão por que lemos estas admiráveis palavras do Senhor: “Eu, eu sou aquele que vos consola; quem, pois, és tu, para que temas o ho-

mem, que é mortal, ou o filho do homem, que não passa de erva?” (Is 51.12.) Quem é você para temer o homem, quando Deus prometeu ajudá-lo? É orgulho temer o homem. E o orgulho é oposto do temor do Senhor.

Sim, este Provérbio é verdadeiro e grande ajuda para nós. Pai, tema a Deus. Sim, tema a Deus. Tema desonrá-Lo. Tema desconfiar dEle. Tema colocar a sua avaliação do problema acima do próprio Deus. Deus afirma que pode ajudá-lo. Ele é mais sábio do que você, mais forte e mais generoso. Confie nEle. Tema não confiar nEle.

Por quê? Deus trabalha por aqueles que esperam nEle (Is 64.4). Deus resolverá o problema. Ele salvará a família. Cuidará dos pequeninos. Suprirá as necessidades de vocês. Tema desconfiar dessa promessa. Então, os seus filhos terão um refúgio. Eles terão um pai que tem firme confiança — não em si mesmo, e sim nas promessas de Deus, perante o Qual ele treme, se não confiar.



*Pai, somos fracos em nós mesmos.
E nossos filhos precisam que sejamos fortes.
Fazê-nos fortes no Senhor.
Torna-Te a força de nossa vida.
Dá-nos confiança e força profunda, arraigada em Deus.
Que nossos filhos sintam esta confiança e fiquem seguros.
Mostra-lhes, por meio de nossa fé humilde,
Que a segurança está em Deus e não nos melhores pais.
Fazê-os crescer de modo que sejam fortes
Em Ti, de geração em geração.
Em nome de Jesus, oramos. Amém.*

CONHECENDO MAIS A DEUS, POR ESTAR ELE LEVANDO NOSSOS FARDOS

UMA DAS RAZÕES POR QUE NÃO CONHECEMOS PROFUNDAMENTE a Deus é que não nos aventuramos muito em seu compromisso de carregar os nossos fardos. Conhecer a Deus com um senso de realidade pessoal autêntica não é uma simples questão de estudar. É uma questão de andar com Deus através do fogo e não ser queimado. É uma questão de não ser esmagado por um fardo, porque Ele o leva por você, ao seu lado. O que, então, Deus leva?

1. Deus tem levado os nossos pecados.

O meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos, *porque as iniquidades deles levará sobre si* (Is 53.11).

Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos (Hb 9.28).

Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, *os nossos pecados* (1 Pe 2.24).

Crer nesta verdade e experimentar seu efeito libertador é crucial *para a vida agora*. Sentimentos de culpa não têm a palavra final! Crer nesta verdade também é crucial *para a hora de nossa morte*. O aguilhão da morte é o pecado, mas graças sejam dadas a Deus, porque esse aguilhão foi removido. É igualmente crucial para nosso *gozo eterno*. A obra de Cristo em carregar nossos pecados nos assegura uma compensação eterna para todas as supostas “perdas” nesta vida de amor sacrificial. Esta confiança é o fundamento de conhecermos a Deus.

2. *Deus se compromete a levar nossas ansiedades.*

Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós (1 Pe 5.7).

A única outra passagem bíblica onde ocorre a palavra grega traduzida por “lançar”, neste versículo, é Lucas 19.35, onde lemos que os discípulos puseram suas vestes sobre o jumentinho, para que Jesus o montasse.

Que tipo de ansiedade Deus almeja tirar de nossas costas e levar por nós? Todo o tipo de ansiedade. Por exemplo,

ansiedades a respeito de necessidades (Fp 4.4-7), inutilidade (Is 55.11), fraqueza (2 Co 12.9), decisões (Sl 32.8), adversários (Rm 8.31), aflição (Sl 34.19; Rm 5.3-5), velhice (Is 46.4), morte (Rm 14.7-9) e incerteza de perseverança (Fp 1.6; Hb 7.25).

Quando perguntaram a George Müller como podia se sentir calmo em um dia agitado, com tantas incertezas sobre o orfanato, ele respondeu algo assim: “Lancei sessenta coisas sobre o Senhor nesta manhã”. Quando Hudson Taylor foi informado de que missionários sob a sua responsabilidade estavam em perigo, logo ouviu-se Taylor sussurrando seu hino favorito — “Jesus, estou descansando, descansando no gozo do que Tu és!”

3. Deus se compromete a levar nossos cuidados.

Confia os teus cuidados ao SENHOR, e ele te susterá; jamais permitirá que o justo seja abalado (Sl 55.22).

A palavra hebraica traduzida por “cuidado”, neste versículo, pode ser traduzida por *quinhão*. Qual é o seu quinhão hoje? O que a providência de Deus lhe trouxe? Em última instância, isto procede do Senhor. Ele o levará por você. Este quinhão não tem o propósito de esmagá-lo ou arruiná-lo. Tem o propósito de provar sua confiança em Deus para carregá-lo por você. (Veja Salmos 16.5, 63.8.)

Para Amy Carmichael, o “quinhão” era o estado de solteira. Houve várias oportunidades para ela deixar esse estado e assumir “a vida de casada”. Mas ela ouviu a voz interior: “*Não, não, não*”. Ela lançou esse quinhão sobre o Senhor, que o levou por ela, tornando-a frutífera e plena de alegria.

4. Deus se compromete a levar a causa da justiça por nós.

Ele [Jesus], quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas *entregava-se àquele que julga retamente* (1 Pe 2.23).

Em quase todos os relacionamentos da vida, você será tratado com injustiça. “Jesus nunca nos chamou para uma luta justa” (George Otis Jr).

Como você não se sentirá amargurado? Deixando que Deus leve a sua causa e acerte as contas quer na cruz, quer no inferno. Pedro disse que Jesus lidou com os atos errados praticados contra Ele entregando-se a Deus, que julga todas as coisas com justiça. Deus administrará a nossa causa. “A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor” (Rm 12.19). Entregue-Lhe sua causa. Prepare-se para ser tratado com injustiça, quer seja alguém furando a fila à sua frente, quer seja alguém dando falso testemunho a seu respeito em um tribunal.

5. Deus se compromete a levar você — toda a sua vida.

Ouvi-me, ó casa de Jacó e todo o restante da casa de Israel; vós, a quem desde o nascimento carreguei e levo nos braços desde o ventre materno. Até à vossa velhice, eu serei o mesmo e, ainda até às cãs, eu vos carregarei; já o tenho feito; levar-vos-ei, pois, carregar-vos-ei e vos salvarei (Is 46.3-4).

(Veja também Êx 19.4; Sl 18.35, 94.18.)

A vida cristã é uma vida de ser levado, desde o começo até ao final. Nós trabalhamos, mas, na realidade, é Deus quem trabalha em nosso íntimo (1 Co 15.10).

Conclusão

Venham a Ele, todos os que trabalham arduamente e estão sobrecarregados, e encontrem descanso para a alma.

Aprofunde sua comunhão com Deus
e conheça-O melhor, aventurando-se
mais em seu compromisso de levar você
e todas as suas inquietações.



Pai, obrigado pelo zelo que manifestas em ser forte para conosco.

Amamos teu anelo por manifestar a tua grandeza,

Servindo-nos, em vez de ser servido por nós.

Apreciamos magnificar o teu poder

Ao lançarmos nossos fardos sobre Ti.

Ó Pai, ajuda-nos a sermos como crianças.

Ajuda-nos a não nos ressentirmos por necessitar de Ti.

Ajuda-nos a crer que teu imenso poder

É para nós, em Cristo Jesus.

Faze-nos valentes na causa do amor.

Por intermédio de Cristo, oramos. Amém.

PERSEVERE NA ORAÇÃO

UMA MEDITAÇÃO SOBRE COLOSSENSES 4.2-4

*Perseverai na oração, vigiando com ações de graças.
Suplicai, ao mesmo tempo, também por nós,
para que Deus nos abra porta à palavra,
a fim de falarmos do mistério de Cristo,
pelo qual também estou algemado;
para que eu o manifeste, como devo fazer.*

ESTA PASSAGEM NOS DÁ CINCO DIRETRIZES PARA A oração, as quais precisamos ouvir.

Primeira: “Perseverai na oração”.

Existe muito poder a ser desfrutado em perseverarmos na oração. Não esqueçam o amigo inoportuno de Lucas 11.8: “Digo-vos que, se não se levantar para dar-lhos por

ser seu amigo, todavia, o fará por causa da importunação e lhe dará tudo o de que tiver necessidade”; e não esqueçam a parábola que Jesus contou “sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer”. A perseverança é o grande teste de genuinidade da vida cristã. Louvo a Deus pelos crentes que têm perseverado em oração durante sessenta, setenta ou oitenta anos! Oh! que sejamos um povo de oração e que este ano — e todos os nossos anos — seja saturado com orações ao Senhor de todo o poder e de todo o bem. Será bom dizermos no final da vida: “Completei a carreira, guardei a fé”, por meio da oração.

Segunda: “Vigiai na oração”.

Isto significa: “Esteja alerta!” Esteja mentalmente desperto. Talvez o apóstolo Paulo tenha aprendido isto do que aconteceu no Getsêmani. Jesus pediu aos discípulos que orassem, mas os encontrou dormindo. Ele disse a Pedro: “Não pudeste vigiar nem uma hora? Vigiai e orai, para que não entreis em tentação” (Mc 14.37,38).

Precisamos estar em vigília enquanto oramos — em vigília contra as vagueações de nossa mente, contra as vãs repetições, contra expressões vulgares e sem sentido, contra desejos restritos e egoístas. Também devemos vigiar por aquilo que é bom. Devemos estar especialmente alerta quanto à orientação de Deus, nas Escrituras, para as nossas súplicas. É Deus quem opera em nós a vontade de orar, mas sempre experimentamos esta capacitação divina como

nossa própria atitude e resolução.

Terceira: Seja agradecido em todas as orações.

São admiráveis os relatos do que Deus tem feito na vida de muitos crentes, por meio da oração. Tais relatos me têm estimulado a persistir em oração com ações de graças. Compartilhe com os outros estas boas coisas.

Quarta: Peça que se abra uma porta à pregação da Palavra, na sua vida.

Em dois sentidos:

1. Que, semana após semana, haja corações abertos e receptivos em sua igreja;
2. Que seus vizinhos se mostrem receptivos ao evangelho, enquanto você o anuncia. “Certa mulher, chamada Lídia, da cidade de Tiatira, vendedora de púrpura, temente a Deus, nos escutava; o Senhor lhe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia” (At 16.14). Isto é o que desejamos aconteça nos domingos e durante a semana.

Quinta: Ore pelos pregadores de nossa pátria, para que eles apresentem com clareza o mistério de Cristo.

“Grande é o mistério da piedade” (1 Tm 3.16). Oh! que chamada para o proclamarmos! Eu amo o ministério de

pregador! Embora, não esteja a altura dele. Eu e todos os pregadores, pastores, necessitamos de oração — para que entendamos o mistério de Cristo, escolhamos os textos necessários, preguemos no poder do Espírito Santo, falemos a verdade em amor. Sem Cristo, nada podemos fazer.



*Pai misericordioso, obrigado por seres
Um Deus que ouve as orações.
Oh! que apreciemos este dom!
É avassalador o pensamento de que
O Criador e Sustentador de todas as coisas
Atenta às nossas orações e satisfaz nossas necessidades.
Torna-nos persistentes, vigilantes, gratos
e preparados para toda porta aberta.
Enche-nos os lábios com orações a Ti
E com o evangelho aos outros.
Aumenta-nos a fé na verdade de que, pela oração,
Temos no mundo uma influência maior, em proporção
À pequenez que somos em nós mesmos.
Em nome de Jesus, oramos. Amém.*

POR QUE A CRENÇA NO INFERNO É FUNDAMENTAL?

HOJE É O DIA DE COMUNICAÇÕES RÁPIDAS. AMANHÃ é o dia dos negócios. A eternidade é o dia da verdade. Se você vive somente para este mundo, se importará pouco com a verdade. “Comamos e bebamos, que amanhã morreremos”. Se isso é tudo que existe, podemos muito bem chamar de “verdade” as idéias que protegem nossos apetites. Mas, se você vive para a eternidade, rejeitará as modas populares e efêmeras, para se tornar eternamente relevante.

Temos de valorizar a verdade acima do sucesso temporário. Onde a verdade é minimizada e as pessoas não estão nela arraigadas e fundamentadas, o sucesso é superficial, e a árvore cresce oca, embora floresça no sol da prosperidade. Que Deus nos dê um amor humilde e submisso pela verdade da Palavra de Deus, na profundidade e plenitude dela.

Ouçam a advertência de Paulo a respeito de nossos dias:

“Haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos” (2 Tm 4.3). “[Eles] perecem, *porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos*” (2 Ts 2.10).

Considere uma verdade que não é popular e tem sido abandonada por muitos que têm sobre a sua tenda a bandeira de “evangélico” — a verdade a respeito do inferno. Oh! que grande diferença existe quando uma pessoa crê no inferno — com tremor e lágrimas! Existe uma seriedade permeando toda a vida, uma urgência em todos os esforços, um condimento de profunda seriedade que tempera tudo e faz com que o pecado sinta-se mais pecaminoso, e a santidade mais santa, a vida mais preciosa, os relacionamentos mais profundos e Deus muito mais importante.

Entretanto, como em toda geração, existem novos abandonos da verdade. Clark Pinnock, um teólogo canadense que insiste em se chamar evangélico, escreveu:

A princípio fui levado a questionar a crença tradicional no tormento eterno e consciente, porque me era moralmente repugnante e por considerações teológicas mais amplas, e não por consideração de textos bíblicos. Não é lógico dizermos que um Deus de amor afligirá pessoas para sempre, por causa de pecados cometidos no contexto de uma vida finita... É tempo de os evangélicos se levantarem e afirmarem que o

ensino bíblico moralmente apropriado sobre o inferno é a aniquilação, e não o tormento eterno.¹

Dorothy Sayers, que faleceu em 1957, expressou um antídoto necessário para este tipo de abandono da verdade:

Parece existir um tipo de conspiração, especialmente entre os escritores de meia idade que possuem uma tendência vagamente liberal, para esquecer ou anular de onde procede a doutrina sobre o inferno. Encontramos freqüentes referências à “cruel e abominável doutrina medieval do inferno” ou “a grotesca e ingênua imagem medieval de vermes e fogo”.

O caso, porém, é exatamente o contrário. Encaremos os fatos. A doutrina do inferno não é “medieval”; é uma doutrina ensinada por Cristo. Não é um artifício do “clero medieval” para atemorizar o povo e fazê-lo dar dinheiro à igreja. O inferno é o julgamento deliberado de Cristo sobre o pecado. A imagem de vermes que não morrem e de fogo inextinguível deriva-se não da “superstição medieval”, e sim do

1. Clark Pinnoch and Delwin Brown, *Theological Crossfire: An Evangelical/Liberal Dialogue* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1990), pp. 226–227.

profeta Isaías; e foi Cristo quem a usou enfaticamente... Ela nos confronta no mais antigo e menos “editado” dos evangelhos; está explícita em muitas das parábolas mais familiares e implícita em muitas outras. Esta figura tem, nos ensinamentos de Cristo, uma dimensão maior do que alguém possa perceber, até que comece a ler todos os evangelhos, em vez de selecionar e ler somente as passagens mais consoladoras. Ninguém pode se livrar desta doutrina, sem despedaçar o Novo Testamento. Não podemos repudiar o inferno, sem repudiarmos a Cristo.²

Eu acrescentaria: existem muitas outras coisas que, abandonadas, também equivalerão ao eventual repúdio de Cristo. Não é por causa de uma lealdade ultrapassada que amamos as verdades da Escritura — nem mesmo as mais severas. É por causa do amor a Cristo — e por causa do amor para com o seu povo — povo esse que somente o Cristo da verdade pode salvar.

2. Dorothy Sayers, *A Matter of Eternity*, ed. Rosamond Kent Sprague (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1973), p. 86.



*Pai celestial, trememos e choramos
Ante à revelação do tormento eterno.
Oh! quão grande é o pecado do homem! Nosso pecado!
Ajuda-nos a não avaliarmos a justiça do inferno,
Pela nossa noção fraca de pecado,
Antes, faça-nos ter uma percepção justa de nosso pecado
À luz do horror do inferno.
Oh! que o temamos corretamente,
Salvemos quantos pudermos,
Amemos o Cristo que levou nossa culpa
E permaneçamos em temor de tua justiça e graça!
Em nome de Jesus, oramos. Amém.*

PARA VÓS, QUE CREDES, ELE É A PRECIOSIDADE

UMA MEDITAÇÃO SOBRE 1 PEDRO 2.7

Para vós outros... que credes, é a preciosidade.

A MARCA DISTINTIVA DE UM FILHO DE DEUS NÃO É A perfeição, e sim a fome por Cristo. Se temos experimentado a bondade do Senhor, desejaremos a Cristo (1 Pe 2.2-3). A razão para isso é que um filho possui a natureza de seu pai. Somos participantes da natureza divina (2 Pe 1.4), se somos nascidos de Deus e temos a semente divina permanente em nós (1 Jo 3.9). Somos como que lascas da Antiga Rocha. 1 Pedro 2.4 afirma que Cristo é precioso para Deus, e o versículo 7 nos diz que Ele é precioso para o crente. Por conseguinte, o crer que salva não é apenas uma concordância com o fato de que a Bíblia é verdadeira. O crer que salva

implica uma nova natureza que valoriza aquilo que Deus ama.

À luz deste fato, considere João 17.26. Que promessa maravilhosa! Nessa ocasião, Jesus está orando por seus discípulos e por todos os que crerão nEle, pelo testemunho verbal de seus discípulos (Jo 17.20). Ele concluiu sua oração com a mais sublimes das petições: “Eu lhes fiz conhecer o teu nome e ainda o farei conhecer, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles, e eu neles esteja”.

Considere atentamente. O pedido de Jesus ao Pai foi que o amor de Deus pelo Filho estivesse em nós. Você já pensou que Jesus deseja que você o ame não somente com o seu amor, mas também com o amor que Deus Pai tem pelo Filho? Como isto é possível? É possível por causa do novo nascimento. Tornar-se um crente significa ter uma nova natureza, outorgada por Deus. Em termos práticos, isto significa que Deus entra em nossa vida por intermédio do Espírito Santo e começa a dar-nos novas afeições, novas emoções, ou seja, as emoções de Deus. É a presença de Deus, o Espírito, em nossa vida que nos faz amar a Jesus com o amor de Deus Pai. De fato, o Espírito Santo deve ser visto como o amor de Deus em uma Pessoa. Ser governado pelo Espírito significa ser governado por um amor divino por Jesus. Ele estava simplesmente orando que fôssemos cheios do Espírito, a Pessoa divina que expressa o amor que o Pai tem para com o Filho. Deste modo, seremos cheios do próprio amor com o qual o Pai ama o Filho.

Que imenso amor! Em todo o universo, não existe amor maior do que o amor transbordante que existe entre o Pai e o Filho, na santíssima Trindade. Nenhum amor é mais poderoso, mais intenso, mais contínuo, mais puro, mais repleto de deleite no Amado do que o amor de Deus para com o Filho. É uma energia de gozo que faz as bombas atômicas parecerem fogos de artifício. Oh! como o Pai se deleita no Filho! Oh! quanto precioso o Filho é para o Pai! “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo”, disse o Pai no batismo de Jesus (Mt 3.17). “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi” (Mt 17.5).

Em todo o universo, ninguém é mais precioso para o Pai do que o seu Filho, Jesus Cristo. É deste modo que Ele deve ser precioso para nós. Com que amor infinito o Pai ama o Filho! Esta é a grandeza para a qual estamos nos dirigindo em nosso deleite no Filho. Ó crente, junte-se ao Pai neste maior de todos os amores! Se você é nascido de Deus, veja Jesus com os olhos de Deus.

Para vós... que credes, é a preciosidade.



*Pai, responde a súplica de teu Filho,
Por nós, agora, quanto pudermos suportar:
Que o amor com que amas a Ele
Esteja em nós, e Ele, em nós.
Confessamos que nosso amor
Por Cristo não é tudo que Ele merece.
Anelamos amá-Lo ainda mais,
Com mais pureza, mais intensidade,
Mais consistência, mais regozijo.
Por amor a Ti, ó Pai,
E para a glória de teu Filho,
Satisfaça-nos com a glória dEle.
Em nome de Jesus, oramos. Amém.*

O QUE JESUS QUER?

O QUE JESUS QUER? ENCONTRAMOS A RESPOSTA EM suas orações. O que Ele pediu a Deus? A sua oração mais extensa pode ser lida em João 17, verso 24. Este é o clímax de seu desejo:

Pai, a minha vontade é que onde eu estou,
estejam também comigo os que me deste .

Entre todos os pecadores indignos no mundo, existem alguns que o Pai deu a Jesus. Estes são os que Deus trouxe ao Filho (Jo 6.44,65). Eles são *crentes* — pessoas que “receberam” a Jesus como o Salvador e Senhor, crucificado e ressuscitado, o Tesouro de suas vidas (Jo 1.12; 3.17; 6.35; 10.11,17-18; 20.28). Jesus disse que deseja que seus discípulos estejam com Ele.

Às vezes, ouvimos as pessoas dizerem que Deus criou o

homem porque Ele estava sozinho. Elas dizem: “Deus nos criou para que estivéssemos *com Ele*”. Jesus concorda com isto? Bem, de fato, Ele *disse* que queria que estivéssemos com Ele! Sim; mas por quê? Considere o restante do versículo. Por que Jesus quer que estejamos com Ele?

Pai, a minha vontade é que onde eu estou,
estejam também comigo os que me deste, *para
que vejam a minha glória* que me conferiste,
porque me amaste antes da fundação do
mundo.

Essa seria uma maneira estranha de expressar a sua solidão. “A minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, *para que vejam a minha glória*.” De fato, estas palavras não expressam a solidão de Jesus. Expressam o interesse dEle pela satisfação de *nosso* anelo, e não de sua solidão. Jesus não está sozinho. Ele, o Pai e o Espírito Santo estão plenamente satisfeitos na comunhão da Trindade. Nós, e não Ele, estamos famintos por algo. E o que Jesus deseja para nós é que experimentemos aquilo para o que realmente fomos criados — ver e provar a glória de Deus.

Oh! que Deus faça isto aprofundar-se em nossa alma! Jesus nos fez (Jo 1.3) para vermos sua glória. Pouco antes de ir para a cruz, Ele suplica ao Pai os seus desejos mais profundos — “Pai, a *minha vontade* [meu desejo] é que... estejam comigo... para que *vejam a minha glória*”.

Mas isto é somente a metade do que Jesus deseja nestas palavras finais de sua oração. Já afirmamos que fomos criados para ver e *provar* a glória dEle. Isto é o que Ele quer — não somente que vejamos, mas também que provemos a sua glória, que tenhamos deleite e prazer nela, que a entesouremos e amemos? Considere o versículo 26:

Eu lhes fiz conhecer o teu nome e ainda o farei
conhecer, *a fim de que o amor com que me amaste
esteja neles*, e eu neles esteja.

Este é o final da oração. Qual é o objetivo final de Jesus para nós? Não é apenas que vejamos a sua glória, mas que O amemos com o mesmo amor que o Pai tem por Ele — “a fim de que o amor com que me amaste esteja neles”. O anelo e objetivo de Jesus é que vejamos a sua glória e sejamos capazes de amar o que vemos com o mesmo amor que o Pai tem pelo Filho. Ele não queria dizer que devemos apenas *imitar* o amor do Pai para com o Filho. Ele estava dizendo que o próprio amor do Pai se torna nosso amor pelo Filho — que amemos o Filho com o amor do Pai para com o Filho. Isto é o que o Espírito Santo se torna e concede em nossa vida: amor pelo Filho, por meio do Pai, pela operação do Espírito.

O que Jesus mais deseja é que seus eleitos sejam reunidos (Jo 10.16, 11.52) e tenham o que *eles* mais querem — *ver* a glória de Cristo e *prová*-la com o amor do Pai pelo Filho.

O que eu mais quero é estar reunido com vocês (e muitos

outros) e VER a Cristo em toda a sua plenitude e que, juntos, amemos o que vemos com um amor que excede as nossas capacidades humanas.

Foi isto que Jesus pediu por nós: “Pai, mostra-lhes a minha glória e dá-lhes que se deleitem em mim com o mesmo deleite que tens em mim”. Oh! que *vejamos* a Cristo com os olhos de Deus e *provemos* a Cristo com o coração de Deus. Isto é a essência do céu. Este foi o dom que Cristo veio comprar para os pecadores, ao preço de sua própria morte, em nosso lugar.



Pai santo, unimo-nos a Jesus em pedir

Para nós aquilo que Ele mesmo pediu.

Dá-nos que estejamos com Ele,

Para que vejamos a sua glória e O amemos

Com o próprio amor que tens para com Ele.

Oremos para que tenhamos agora tanto

Quanto pudermos dessa experiência de Cristo.

Então, completa-a no céu, com Ele,

Pelo poder que O ressuscitou dos mortos.

Queremos ver a Jesus.

Queremos provar a glória dEle.

Ó pai de misericórdia, abre nossos olhos e leva-nos ao lar.

Em nome de Jesus, oramos. Amém.

COMO A LEI ME AJUDA A CONHECER MEU PECADO?

UMA MEDITAÇÃO SOBRE ROMANOS 7.7,8

*Que diremos, pois? É a lei pecado? De modo nenhum!
Mas eu não teria conhecido o pecado, senão por intermédio
da lei; pois não teria eu conhecido a cobiça, se a lei não
dissera: Não cobiçarás. Mas o pecado, tomando ocasião
pelo mandamento, despertou em mim toda sorte de
concupiscência; porque, sem lei, está morto o pecado.*

COMECEMOS OLHANDO O CONTEXTO DE ROMANOS 7.7-8

1. Paulo está defendendo a Lei, após dizer algumas coisas negativas a respeito da Lei (tais como: você precisa morrer para a Lei — 7.4; paixões pecaminosas são

despertadas pela Lei — 7.6; a Lei veio para que a ofensa avultasse — 5.20).

2. O argumento de Paulo é que a Lei não é pecado, mas expõe o pecado como pecado. Ao fazer isso, a Lei freqüentemente torna o pecado evidente e recebe a culpa por ele.
3. Existe uma condição pecaminosa por trás de nossos pecados, uma condição sobre a qual precisamos ter conhecimento. Paulo diz no versículo 8: “O pecado... despertou em mim toda sorte de concupiscência”. Em outras palavras, o pecado da cobiça é produzido por uma condição que Paulo chamou de “pecado”. Esta é a nossa “depravação”, a nossa “queda” ou (para os crentes) a nossa “corrupção remanescente”.
4. Paulo usou o mandamento contra a cobiça para ilustrar como a Lei nos mostra nossa condição pecaminosa.
5. “Cobiça” significa apenas desejos que você não deveria ter. Os nossos desejos são maus porque brotam da perda de satisfação em tudo o que Deus é para nós em Cristo. Os desejos são maus quando procedem da perda de contentamento em Deus.
6. Até que a Lei de Deus entre em cena e proíba alguns

de nossos desejos (“Não cobiçarás”), nossos desejos não são experimentados como pecado, e sim como exigências imperativas que parecem ter sua própria legitimidade. Até que a Lei de Deus confronte esta “lei” sediciosa, não experimentamos nossos desejos como pecado (“sem lei, está morto o pecado” — 7.8). “Eu quero isso. Portanto, eu devo ter isso.” Esse tipo de pensamento é inato. “Desejo equivale a merecimento”, até que a Lei de Deus venha e diga: “Não”. Percebemos isto com clareza nas criancinhas, que acham muito doloroso aprenderem que seus desejos não são leis.

7. Isto nos mostra a fonte da condição pecaminosa: independência de Deus, rebelião contra Deus. Em sua fonte, nossa condição pecaminosa é o comprometimento de sermos nosso próprio deus. Serei a autoridade final de minha vida. Decidirei o que é certo e o que é errado para mim, o que é bom ou mau para mim, o que é verdadeiro ou falso para mim. Meus desejos expressam minha soberania, minha autonomia e — embora normalmente não o digamos — minha suposta deidade.

Esta independência de Deus — esta rebelião e hipotética soberania, autonomia e deidade — produz *todo tipo* de cobiça. A expressão “toda sorte” dispõe-nos a pensar sobre quão diabolicamente a cobiça pode se expressar. Precisamos

saber disso, pois, do contrário, não conheceremos o nosso próprio pecado ou a nós mesmos.

Em geral, existem dois tipos de desejos maus (cobiça) que a Lei desperta, e ambos são expressões de amor, de um caso de amor com a independência e auto-exaltação.

1. Um é bastante óbvio, ou seja, o desejo de ter as coisas proibidas. Provérbios 9.17 afirma: “As águas roubadas são doces, e o pão comido às ocultas é agradável”. Agostinho confessou sobre a sua juventude: “Eu sentia disposição de roubar, e roubava, embora não fosse impelido por qualquer carência, exceto pela carência de um senso de justiça ou por um desprazer por aquilo que era certo ou por um amor ávido para praticar o erro... *Não tinha qualquer desejo de gozar das coisas que eu ansiava roubar, mas somente gozar do roubo em si mesmo e do pecado*”.¹ Portanto, uma das formas de desejo que o mandamento desperta é o desejo de fazer a própria coisa proibida. Isto se deve ao amor inato de sermos nosso próprio deus e ao nosso desprazer por submissão.
2. O outro tipo de desejo mau, despertado pela Lei, é o desejo de guardar a Lei por nossos próprios esforços, tendo em vista a exaltação de nossa proeza moral.

1. Agostinho, *Confessions*, II, 4, ênfase adicionada.

Isto parece bastante *diferente*. Não matarás, não furtarás, não adulterarás, não mentirás. Em vez disso, apenas justiça própria. Não que guardar a Lei seja errado ou cobiçoso. Antes, o problema é o desejo de guardá-la por *meus próprios esforços*, e não por dependência sincera do poder *de Deus*. O problema é desejar a glória de minha realização, e não a glória de Deus. Esta é uma forma sutil de cobiça.

Portanto, conheça a si mesmo! Conheça os seus pecados, sua condição pecaminosa de rebelião e insubordinação. Se isto o levar, repetidas vezes, à cruz e ao evangelho da justificação somente pela graça, por meio da fé, exaltará a Cristo, será cura para a sua alma e doçura para todos os seus relacionamentos.



*Pai, obrigado pela dolorosa obra da Lei em nossa vida.
Obrigado por que não nos deixaste
Sentir bem em nossa rebelião, e sim infelizes.
Obrigado por que nos tornaste miseráveis
Na adoração de nós mesmos como deuses.
Oh! quão preciosa é a tua Lei, que nos convence de pecado!
E desperta agora tanto o tremer como o valorizá-la.
Continua usando-a para nos mostrar a Cristo.
Capacita-nos, como pecadores justificados,
A nos deleitarmos em tua Lei,
Mediante o teu poder redentor.
Em nome de Jesus, oramos. Amém.*

UM ANELO PELA PUREZA
VERSUS
ORAÇÃO PASSIVA

*Eu, porém, vos digo: Qualquer que olhar para uma mulher
com intenção impura, no coração, já adulterou com ela.
Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o
de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros,
e não seja todo o teu corpo lançado no inferno.*

Mateus 5.28-29

QUANDO VOCÊ É TENTADO SEXUALMENTE, VOCÊ LUTA em sua mente para dizer não à imagem e se empenha, com vigor, para pensar em imagens com outra conotação que aniquilarão a imagem sedutora?

Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se pelo Espírito

mortificardes os feitos do corpo, certamente
vivereis (Rm 8.13).

Muitos crentes pensam que lutam contra a tentação quando oram por livramento e esperam que o desejo desapareça. Isto é muito passivo. Sim, Deus opera em nós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade! Mas o resultado é: “Desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor” (Fp 2.12-13). Arrancar os olhos talvez seja uma metáfora, mas expressa uma atitude violenta. O cérebro é um “músculo” que devemos exercitar em busca de pureza, e o cérebro do crente é *fortalecido com o* poder do Espírito de Cristo.

Isto significa que não devemos dar mais do que cinco segundos a uma imagem ou um impulso sexual, antes de lançarmos um contra-ataque violento em nossa mente. Isso mesmo! Cinco segundos. Nos dois primeiros segundos, dizemos: “Não! Saia de minha mente”. Nos dois próximos segundos, clamamos: “Ó Deus, em nome de Jesus, ajuda-me. Livra-me agora. Eu sou teu”.

Este é um bom começo. Mas a verdadeira batalha está apenas começando. É uma batalha da mente. A verdadeira necessidade é lançar fora da mente a imagem e o impulso. De que maneira? Traga à sua mente uma contra-imagem que exalta a Cristo e cativa a alma. Lute. Empurre. Ataque. Não diminua o empenho. Tem de ser uma imagem tão poderosa, que as outras não sobreviverão diante dela. Existem pensamentos e imagens que destroem concupiscências.

Por exemplo, nos primeiros cinco segundos da tentação, você já exigiu de sua mente que ela se fixasse, com firmeza, na forma de Jesus Cristo crucificado? Imagine isto: você acabou de ver uma moça com uma blusa transparente que o motivou a fantasiar. Você tem cinco segundos. “Não! Saia de minha mente. Ó Deus, ajuda-me!” Agora, exija de sua mente que ela fixe sua contemplação na cruz de Cristo — isto pode ser feito por intermédio do Espírito Santo. Use todo o seu poder de imaginação para ver o lado ferido de nosso Senhor. Trinta e nove chicotadas deixaram pouca carne intacta. O corpo do Senhor se move para cima e para baixo, por causa de sua respiração, sobre a trave vertical da cruz. Cada respiração introduz lascas na carne lacerada. O Senhor ofega. Em alguns momentos, Ele geme, sob a dor insuportável. Ele tenta se mover na madeira, mas os cravos O impedem, travando os seus pulsos e atingindo os terminais dos nervos. Ele geme com grande agonia e procura mexer os pés, para trazer algum alívio a seus pulsos. Contudo, os ossos e nervos de seus pés traspassados se comprimem um contra o outro, com agonia, de modo que Ele geme novamente. Não há qualquer alívio. A garganta dEle está seca por gemer e sentir sede. Ele perde a respiração e pensa que está sufocado. E, de repente, seu corpo suspira por ar, e todas as feridas doem. Em intensa aflição, Ele se esquece da coroa de espinhos de seis centímetros e, em desespero, inclina para trás a cabeça, batendo um dos espinhos perpendiculares contra a trave da cruz, fazendo-o penetrar em sua cabeça. Sua voz ecoa um tom agudo de dor, e soluços

irrompem de seu corpo, traspassado e dolorido, enquanto cada gemido traz mais e mais dores.

Agora, não estou mais pensando naquela blusa. Estou no Calvário. Estas duas imagens são incompatíveis. Se você usar o vigor de seu cérebro para buscar e se fixar em — com todo o poder de seu pensamento — imagens de Cristo crucificado, com a mesma energia criativa que usa nas fantasias sexuais, você aniquilará essas fantasias. Mas você tem de começar nos primeiros cinco segundos e não desistir.

Portanto, a minha pergunta é: você luta, em vez de apenas orar, esperar e tentar evitar? É imagem contra imagem. É um conflito mental, impiedoso e contínuo. Não basta apenas orar e esperar. Una-se a mim neste conflito sangrento, a fim de mantermos o corpo e a mente puros para o Senhor, para minha esposa e para a igreja. Jesus sofreu além do que podemos imaginar, a fim de “purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu” (Tt 2.14). Todo clamor e suspiro de Jesus tinha o objetivo de matar a minha concupiscência — “Carregando, ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos aos pecados, vivamos para a justiça” (1 Pe 2.24).



*Pai, tem misericórdia de nós,
Em nossa contínua luta contra a concupiscência.
Oh! Como amamos as vitórias que nos dás!
Faze que vivamos nelas mais e mais.
Dá-nos a vontade de dizer “não” a cada tentação.
Sim, Senhor, dá-nos mais do que apenas dizer “não”.
Ajuda-nos a lutar.
Dá-nos a vontade de fazer guerra contra as impurezas.
Mostra-nos a infinita e plenamente satisfatória
Glória do Cristo crucificado.
Torna o teu nome tão precioso para nós
Que não o corrompamos, de forma alguma.
Em nome de Jesus, oramos. Amém.*

A LUTA PELA BÊNÇÃO DO CAFÉ DA MANHÃ

UMA MEDITAÇÃO SOBRE EFÉSIOS 4.29-5.2

ESTA MEDITAÇÃO É PARA FAMÍLIAS, MAS ESPERO QUE outros também sejam ajudados por ela. Estou presumindo que os membros das famílias de crentes procuram tomar café da manhã juntos — ou ter algum tipo de momento familiar com a Palavra e a oração, antes de saírem para suas diferentes atividades. Embora haja ocasiões da vida em que isto seja difícil ou impossível, não se esforçar por usufruir destes momentos parece contrário ao ensino de Deuteronômio 6.7: “Tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, *e ao levantar-te*”.

Isto exige esforço. Todos gostam de se levantar em horas diferentes. Por isso, você tem de decidir quão importante

acha estes momentos familiares com a Palavra de Deus. E isto é possível às criancinhas, aos adolescentes e aos pais. Talvez você tenha de trabalhar por esses momentos. Mas eles podem ser conquistados.

No entanto, uma vez que os tenha conseguido, o que deve fazer? Para muitos de nós, a manhã é o tempo do dia em que nos sentimos mais melancólicos e menos animados. Alguns dizem que os adolescentes não são completamente humanos até à metade da manhã. O pai pode sentir que tremenda pressão se avulta adiante. A mamãe pode sentir-se exausta devido a muitas inquietações. Os pequeninos podem estar mal-humorados.

Qual é a razão de ser deste momento? Pai, a razão é que você transmita graça à sua família. Se não há pai na família, então, a tarefa compete a você, mãe. Como você transmite graça à sua família?

Efésios 4.29 nos oferece parte da resposta:

Não saia da *vossa boca* nenhuma palavra torpe, e sim unicamente a que for boa para edificação, conforme a necessidade, *e, assim, transmita graça aos que ouvem.*

A chave de transmitir graça à família são os lábios do pai.

Oh! pais! Que tesouro é a graça proveniente dos seus lábios no café da manhã!

1. Não falem palavras torpes.

Nenhuma palavra corrompida. Nenhuma palavra sem proveito. O que isto significa? Talvez a melhor interpretação seja a frase seguinte, onde este assunto é apresentado de maneira positiva.

2. Falem somente palavras que forem boas para edificação.

Tenham como alvo o edificar a fé da família, por meio do que vocês dizem. Não confundam isso com o fortalecer o ego deles. Não estamos falando sobre auto-estima. Estamos falando sobre o promover a fé e a esperança em Cristo Jesus. “Edificação” implica uma confiança crescente nas promessas de Deus compradas pelo sangue de Cristo. Pais, venham ao café da manhã com palavras de esperança para os membros de sua família. Conte-lhes algo sobre Deus e Cristo que lhes ajudarão a serem fortes naquele dia.

3. Falem palavras que satisfaçam a necessidade do momento.

Algumas promessas de Deus são mais adequadas a determinadas circunstâncias do que outras. Se os filhos já têm idade suficiente, perguntem-lhes quais serão as necessidades e desafios daquele dia. Ou perguntem-lhes na noite anterior. Dêem-lhes algo de Deus que os ajudará a serem fortes, na força do Senhor, naquele dia.

4. Esta é a maneira como vocês transmitem graça à família.

Mas isto pressupõe algo — ou seja, a ira não pode ser o sentimento predominante do coração de vocês. Existe um tipo de ira que é santa. A maioria das expressões de ira não é santa. Por isso, Paulo acrescentou: “Longe de vós, toda amargura, e cólera, e ira, e gritaria, e blasfêmias, e bem assim toda malícia” (Ef 4.31). A ira maliciosa é mortal. Um dos seus efeitos mais perniciosos é a ruína da capacidade que o pai têm para abençoar a família. O coração do pai está tão irado, que sua boca está constantemente amarga. Oh! que haja doçura nos lábios dos pais! Oh! que haja pais profundamente satisfeitos! “Bendirei o SENHOR em todo o tempo, o seu louvor estará sempre nos meus lábios” (Sl 34.1). Isso é que o abençoar a família pressupõe.

Pais, como vocês podem chegar a este ponto? Resposta:

Perdoando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou. Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave (Ef 4.32-5.2).

Pais, vocês já conhecem a alegria de ter o perdão de uma dívida impagável? Vocês já viram Jesus sofrer

horrivelmente a fim de comprar o perdão de vocês? Conhecem a maravilha de ouvir a Deus chamando-os de “filhos amados”? Não apenas “filhos”. Mas “filhos *amados*”. Pais, levantem-se bem cedo para encharcarem a própria alma com estas coisas. Assim, vocês trarão o aroma de Cristo à mesa do café. A longo prazo, não importando quão amuada pareça a família, esta bênção retornará aos milhares sobre a cabeça de vocês.



*Pai gracioso, dá-nos a vontade de trabalhar
Para unirmos a família ao redor de tua Palavra.
Perdoa-nos todas as falhas passadas.
Não permitas que fiquemos paralisados.
Impele-nos a planejar e não agir sem este objetivo.
Como pais, dá-nos, em especial, gratidão por tua graça,
Gratidão humilde, transbordante e repleta de esperança.
Faze que esta gratidão se derrame sobre nossa família, cada dia.
Em nome de Jesus. Amém.*

VOCÊ TEM SOMENTE UMA VIDA PRECIOSA

A TELEVISÃO É UMA PARTE IMENSA DESSA VIDA?

SE TODAS AS VARIÁVEIS SÃO IGUAIS, A SUA CAPACIDADE de conhecer a Deus talvez diminuirá profundamente em proporção a quanto tempo você assiste à televisão. Há várias razões para isto. Uma das razões é que a televisão reflete nossa cultura em sua maior trivialidade. E uma dieta permanente de trivialidade arruína a alma. Você se acostuma com ela. Começa parecendo normal. Aquilo que é tolo se torna divertido. E o divertido se torna agradável. E o agradável se torna satisfatório à alma. E, no final, a alma que é criada para Deus, desceu ao ponto de satisfazer-se comodamente em trivialidades.

Talvez isto não seja percebido, porque, se tudo o que você conhece é a nossa cultura, não pode perceber que há alguma coisa errada. Quando se lê apenas revistas em qua-

drinhos, não é de se estranhar que não haja qualquer boa literatura em casa. Quem vive onde não há estações, não sente saudades das cores do outono. Quem assiste a cinquenta comerciais de televisão, todas as noites, talvez esqueça que existe uma coisa chamada sabedoria. Na maior parte de sua programação, a televisão é trivial. Raramente ela inspira grandes pensamentos ou fortes sentimentos com vislumbres de grandes verdades. Deus é a Realidade absoluta e suprema, que modela todas as coisas. Se Ele obtém algum tempo de transmissão, é tratado como uma opinião. Não há reverência. Não há tremor. Deus e tudo que Ele pensa a respeito do mundo está ausente da televisão. Alienadas de Deus, todas as coisas se encaminham a ruína.

Pense em quão nova é a televisão. Nestes 2.000 anos de história desde a vinda de Cristo, a televisão tem moldado apenas os últimos 2,5% dessa história. Nos outros 97,5% do tempo desde a vinda de Jesus, não havia televisão. E, durante 95% desse tempo, não havia rádio. O rádio entrou em cena no início dos anos 1900. Portanto, durante 1.900 anos de história cristã, as pessoas gastaram seu tempo livre fazendo outras coisas. Perguntamos a nós mesmos: o que elas fizeram? Talvez liam mais. Ou conversavam mais sobre as coisas. Com certeza, elas não foram bombardeadas com trivialidades prejudiciais à alma, transmitidas durante todo o dia.

Você já perguntou: “O que poderíamos fazer que é realmente de valor, se não assistíssemos a televisão?” Observe: não estamos refletindo apenas sobre o que a

televisão nos faz com seus rios de vacuidade, mas também sobre o que ela nos impede de fazer. Por que você não faz uma experiência? Faça uma lista do que você poderia realizar, se usasse o tempo que gasta assistindo a televisão e o dedicasse a outra coisa. Por exemplo:

1. Você poderia ser inspirado a uma grande realização por aprender sobre a vida de Amy Carmichael, uma mulher nobre e piedosa, e sobre a coragem dela ao servir sozinha às crianças da Índia. De onde vêm esses sonhos radicais? Não vêm de assistirmos à televisão. Abra sua alma para que ela seja dilatada por meio de uma indescritível vida de consagração a uma grande causa.
2. Você poderia ser inspirado pela biografia de um homem de negócios, ou de um médico, ou de uma enfermeira, para obter a habilidade de abençoar outros com a excelência de uma profissão dedicada a um alvo mais elevado do que qualquer coisa que a televisão recomenda sem jamais incluir a Jesus.
3. Poderia memorizar o oitavo capítulo da Carta aos Romanos e penetrar nas profundezas da percepção de Paulo quanto à pessoa de Deus. E, ainda, descobrir o precioso poder da memorização das Escrituras em sua vida e seu ministério. Ninguém pode avaliar o poder que viria a uma igreja, se todos os seus mem-

bros desligassem a televisão por um mês e dedicassem o mesmo tempo à memorização das Escrituras.

4. Poderia escrever uma poesia simples ou uma carta para um parente, um filho, um amigo ou um colega, expressando profunda gratidão pela vida deles ou anelos em relação a alma deles.
5. Poderia fazer um bolo ou um prato especial para os vizinhos e entregá-lo com um sorriso e um convite de virem à sua casa, para se conhecerem mutuamente.

Portanto, existem muitas razões para se tentar um jejum de televisão ou simplesmente afastarmo-nos dela por completo. Não temos possuído um aparelho de televisão por trinta e quatro anos, exceto por três anos, quando estivemos na Alemanha e o usamos para aprender o idioma. Não existe virtude inerente nisto. Menciono-o apenas para provar que podemos criar cinco filhos sensíveis à cultura e informados biblicamente sem a televisão. Eles nunca se queixaram disso. Na verdade, freqüentemente se admiram com o fato de que pessoas conseguem encontrar tanto tempo para assistirem a televisão.



*Pai celestial, ajuda-nos a conhecer
As maravilhas de tua Palavra e teu mundo.
Guarda-nos de sermos moldados
Pela trivialidade de nossa cultura.
Ajuda-nos a lutar pela alegria de ver grandes coisas.
Remove o nosso gosto por trivialidades.
Concede-nos que o peso de glória —
Tua glória — repouse sobre nós.
Torna-nos pessoas humildes, sábias e amáveis
Por amor ao teu grande nome.
Em nome de Jesus. Amém.*

TERRORISMO, JUSTIÇA E AMOR POR NOSSOS INIMIGOS

11 DE SETEMBRO DE 2001

ALGUÉM ME PERGUNTOU, DEPOIS DA REUNIÃO DE oração de terça-feira, em resposta ao ataque terrorista de 11 de setembro de 2001: “Podemos orar por justiça e, ao mesmo tempo, amar nossos inimigos?” A resposta é: “Sim”.

Mas comecemos com nossa própria culpa. Os crentes sabem que, se Deus nos tratasse somente de acordo com a justiça, pereceríamos sob a sua condenação. Somos culpados de traição contra Deus, em nosso orgulho e rebeldia pecaminosa. Merecemos apenas juízo. A justiça tão-somente nos condenaria ao tormento eterno.

No entanto, Deus não lida conosco apenas em termos de justiça. Sem comprometer a sua justiça, Ele “justifica o ímpio” (Rm 4.5). Isso parece injusto. E realmente seria se

Deus não tivesse enviado Jesus para viver e morrer por nós. A misericórdia de Deus fez com que Ele mandasse seu Filho para sofrer sua ira, de modo a satisfazer a sua justiça, quando Ele justifica pecadores que crêem em Jesus. Por conseguinte, temos nossas vidas por causa da misericórdia e da justiça (Rm 3.25-26). Elas se encontraram na cruz.

Não estamos em condições de exigir justiça divorciada da misericórdia. Jesus ordenou: “Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos” (Mt 5.44-45). É evidente que Jesus apresentou isto como um homem perfeito. “*Se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho*” (Rm 5.10). E mesmo quando Jesus fez isso por seus inimigos, Ele orou: “*Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem*” (Lc 23.34).

A ressoante ordem dos apóstolos é: “Abençoai os que vos perseguem, abençoai e não amaldiçoeis... Não torneis a ninguém mal por mal... não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor. Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber” (Rm 12.14-20). Quando vivemos desta maneira, magnificamos a glória da misericórdia de Deus e o todo-satisfatório Tesouro que Ele é para a nossa alma. Demonstramos isso por causa do supremo valor que Ele é para nós, e não precisamos do sentimento de vin-

gança pessoal para ficarmos contentes.

Não negamos esta verdade quando dizemos que Deus deveria também ser glorificado como Aquele que governa o mundo e delega parte de sua autoridade a Estados Civis. Portanto, alguns dos direitos de Deus, como Deus, são dados aos governantes humanos com o propósito de restringir o mal e manter a ordem social com leis justas. Isto era o que Paulo tencionava dizer quando escreveu: “Não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas... visto que a autoridade é ministro de Deus para teu bem... não é sem motivo que ela traz a espada; pois é ministro de Deus, vingador, para castigar o que pratica o mal” (Rm 13.1-4).

Deus quer que a justiça humana tenha uma influência controladora entre os governos, os cidadãos e autoridades civis. Ele não preceitua que os governos sempre fiquem passivos e não revidem a insultos. “Não é sem motivo” que o governo “traz a espada”. A polícia tem o direito, outorgado por Deus, de usar a força para restringir o mal e trazer os infratores à justiça. E Estados legítimos têm a autoridade, outorgada por Deus, de restringir agressões que ameaçam vidas e trazer os criminosos à justiça. Com este entendimento, a justiça, que é prerrogativa de Deus, executada por autoridades humanas por ordem de Deus, glorifica a justiça de Deus, que, em sua misericórdia, manda que o pecado e a miséria sejam restringidos na terra.

Portanto, magnificamos *a misericórdia* de Deus por orarmos em favor de nossos inimigos, para que sejam salvos e

reconciliados com Ele. A nível pessoal, estaremos dispostos a sofrer pelo bem eterno deles e lhes daremos comida e bebida. Lançaremos fora o ódio malicioso e a vingança particular. A nível público, também magnificaremos a justiça de Deus por orarmos e trabalharmos para que a justiça seja feita na terra, se necessário por meio de força empregada de forma sábia e comedida, com base na autoridade ordenada por Deus.



*Pai celestial, perdoa-nos por nossa ira impura
E nosso senso corrompido de justiça.
Sabemos que nossa indignação justa
Está misturada com temor ímpio e egoísmo.
Remove de nossos motivos o pecado.
Purifica nossa ousadia e busca por justiça santa.
Faze-nos transbordar de amor pelos inimigos.
Não permitas que deixemos de sentir
Como Tu nos amaste quando resistíamos à tua vontade.
Oh! Que o mundo islâmico veja a diferença
Entre a cultura ocidental e o verdadeiro cristianismo!
Vejam eles a verdade de que os verdadeiros cristãos
Sofrem em benefício de seus inimigos!
Em nome de Jesus. Amém.*

COMO EXPERIMENTAMOS O AMOR DE DEUS NO CORAÇÃO?

EXPERIMENTAR O AMOR DE DEUS, E NÃO APENAS pensar sobre este amor, é algo que devemos desejar com todo o coração. É uma experiência de grande alegria porque nela provamos a própria realidade de Deus e de seu amor. É o fundamento de profunda e maravilhosa segurança — a segurança de que nossa esperança “não confunde” (Rm 5.5). Esta segurança nos ajuda a nos gloriarmos “na esperança da glória de Deus” (Rm 5.2); e nos conduz através das intensas provas de nossa fé.

Esta experiência do amor de Deus é a mesma para todos os crentes? Não. Se todos os crentes tivessem a mesma experiência do amor de Deus, Paulo não teria orado em favor dos crentes de Éfeso: “A fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo,

que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus” (Ef 3.18,19). Ele pediu isto porque alguns (ou todos!) eram deficientes em sua experiência do amor de Deus, em Cristo. E podemos supor que não somos todos deficientes na mesma medida em que o eram os crentes de Éfeso.

Como podemos alcançar a plenitude da experiência do amor de Deus, derramado em nosso coração pelo Espírito Santo? Uma das chaves para isso é compreendermos que esta experiência não é semelhante à hipnose, ao choque elétrico, às alucinações induzidas por drogas ou uma boa medida de calafrios. Pelo contrário, tal experiência é mediada pelo conhecimento. Não é o mesmo que conhecimento, mas vem por meio deste. Expressando-o de outra maneira, esta experiência do amor de Deus é obra do Espírito Santo dando-nos gozo indizível em resposta às percepções da mente a respeito da manifestação desse amor na pessoa de Jesus Cristo. Deste modo, Cristo recebe a glória pelo gozo que desfrutamos. É um gozo naquilo que vemos nEle.

Onde você pode ver isto nas Escrituras? Considere 1 Pedro 1.8: “A quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória”. Aqui temos uma experiência de grande e indescritível gozo — um gozo além de quaisquer palavras. Não se fundamenta em uma visão física de Cristo. Está fundamentada em crer em Cristo. Ele é o foco e o conteúdo da mente neste gozo indescritível.

De fato, 1 Pedro 1.6 afirma que o gozo, em si mesmo, está “na” verdade que Pedro está declarando sobre a pessoa de Cristo — “*Nisso* exultais”. Ao que se refere o termo “isso”? À verdade de que:

- 1) em sua grande misericórdia, Deus “nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos” (v. 3);
- 2) obteremos “uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível” (v. 4); e
- 3) somos “guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo” (v. 5). Em tudo *isso*, exultamos “com alegria indizível e cheia de glória” (v. 8).

Sabemos algumas verdades. E nos regozijamos *nisso*! A experiência de uma alegria indizível é uma experiência mediada. Ela vem por intermédio do conhecimento de Cristo e de sua obra. Tal experiência possui um conteúdo.

Considere também Gálatas 3.5: “Aquele, pois, que vos concede o Espírito e que opera milagres entre vós, porventura, o faz pelas obras da lei ou pela pregação da fé?” Sabemos, com base em Romanos 5.5, que a experiência do amor de Deus acontece por meio do “Espírito Santo, que nos foi outorgado”. Mas Gálatas 3.5 nos diz que a concessão do Espírito tem conteúdo. Ela se realiza por meio da “*pregação da fé*”. Há duas coisas: a pregação e a fé. Existe

a pregação da verdade a respeito de Cristo e a fé nessa verdade. É desta maneira que o Espírito é concedido. Ele vem *por meio de conhecer e crer*. A obra dEle é uma obra mediada. Tem conteúdo mental. Acautele-se de buscar o Espírito com esvaziamento de sua mente.

De modo semelhante, Romanos 15.13 afirma que o Deus da esperança nos enche com alegria e paz, “no crer”. E o crer tem conteúdo. O amor de Deus é experimentado em conhecermos e crermos em Cristo, porque Romanos 8.39 diz que o amor de Deus “está em Cristo Jesus, nosso Senhor”. Nada poderá “separar-nos do amor de Deus, que está *em Cristo Jesus*, nosso Senhor”.

Portanto, faça quatro coisas: olhe, ore, renuncie e desfrute.

1. *Olhe para Jesus*. Considere a Jesus Cristo. Medite na glória e na obra dEle, não de modo casual, e sim intencional. Pense sobre as promessas que Ele fez e assegurou por meio de sua morte e ressurreição.
2. *Ore para que Deus abra seus olhos*, a fim de contemplarem as maravilhas do amor dEle nestas coisas.
3. *Renuncie todas as atitudes e comportamentos* que contradizem esta demonstração do amor de Cristo por você.
4. *Desfrute a experiência do amor de Deus* derramado em seu coração, pelo Espírito Santo.



*Pai, inclina o nosso coração a ver
A beleza de Cristo e segurá-la com gozo.
Faze que contemplemos e creiamos —
Para que vejamos e experimentemos.
Aproprie-se a nossa mente do conteúdo da fé
E nosso coração receba-o com as afeições da fé.
Faze o teu amor transbordar como um rio em nossa alma.
Que não apenas o conheçamos mas também experimentemos
a realidade deste amor, para a glória de Cristo.
Em nome dEle. Amém.*

RAZÕES POR QUE OS CRENTES NÃO PRECISAM FICAR COM MEDO

NA BÍBLIA, CENTENAS DE VEZES SOMOS INSTRUÍDOS A não ficar com medo. “Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus” (Is 41.10). Quando somos jovens, facilmente ficamos amedrontados, embora tenhamos pouco conhecimento daquilo que nos pode fazer mal. Quando nos tornamos mais velhos, o nosso conhecimento dos riscos e perigos aumenta. Deveria o nosso medo aumentar? Alguém pode responder “não”, porque nos tornamos mais sábios e capazes de evitar o perigo e de esquivar-nos dos riscos e sobrepujar os assaltos.

No entanto, existem razões melhores para não deixarmos nosso medo crescer. Não é por que nos tornamos mais espertos e capazes de evitar o perigo, e sim por que, pela fé em Cristo Jesus, nos tornamos mais confiantes de que Deus

cuidará de nós da maneira que Ele achar melhor. Isto não garante segurança ou conforto nesta vida. Mas garante regozijo eterno, quando confiamos nEle. Confiar em Deus, por meio de Jesus Cristo, é a chave para a ausência de temor. E as promessas de Deus são a chave que nos liberta do cárcere do temor. Então, considere estas promessas e seja corajoso.

1. Não morreremos sem o consentimento do gracioso decreto de Deus para seus filhos.

Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo (Tg 4.15).

Não se vendem dois pardais por um asse? E nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai. E, quanto a vós outros, até os cabelos todos da cabeça estão contados. Não temais, pois! Bem mais valeis vós do que muitos pardais (Mt 10.29-31).

Vede, agora, que Eu Sou, Eu somente, e mais nenhum deus além de mim; eu mato e eu faço viver; eu firo e eu saro; e não há quem possa livrar alguém da minha mão (Dt 32.39).

(Veja também Jó 1.21; 1 Sm 2.6; 2 Rs 5.7).

2. Maldições e feitiços não atingem o povo de Deus.

Pois contra Jacó não vale encantamento, nem adivinhação contra Israel (Nm 23.23).

3. Os planos de terroristas e nações hostis não se concretizam sem a permissão de nosso Deus gracioso.

O SENHOR frustra os desígnios das nações e anula os intentos dos povos (Sl 33.10).

Forjai projetos, e eles serão frustrados; dai ordens, e elas não serão cumpridas, porque Deus é conosco (Is 8.10).

(Veja também 2 Sm 7.14; Ne 4.15.)

4. Os homens não podem injuriar-nos além da graciosa vontade de Deus para nós.

O SENHOR está comigo; não temerei. Que me poderá fazer o homem? (Sl 118.6.)

Neste Deus ponho a minha confiança e nada temerei. Que me pode fazer o homem? (Sl 56.11.)

5. Deus promete proteger os seus filhos de tudo o que não for para o seu bem.

Porque a mim se apegou com amor, eu o

livrarei; pô-lo-ei a salvo, porque conhece o meu nome (Sl 91.14).

6. Deus promete nos dar tudo o que é necessário para Lhe obedecermos, para desfrutarmos dEle e honrá-Lo para sempre.

Portanto, não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos?... vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas; buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas (Mt 6.31-33).

7. Deus nunca diminui sua vigilância.

É certo que não dormita, nem dorme o guarda de Israel (Sl 121.4).

8. Deus estará conosco, nos ajudará e sustentará em aflições.

Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a minha destra fiel (Is 41.10).

Porque eu, o SENHOR, teu Deus, te tomo pela

tua mão direita e te digo: Não temas, que eu te ajudo (Is 41.13).

9. Terrores virão, alguns de nós morreremos, mas não se perderá nem um fio de nossos cabelos.

Jesus “lhes disse... haverá... coisas espantosas e também grandes sinais do céu... Contudo, não se perderá um só fio de cabelo da vossa cabeça” (Lc 21.10,11,18).

10. Nada acontece aos filhos de Deus fora do tempo designado.

Então, procuravam prendê-lo; mas ninguém lhe pôs a mão, porque ainda não era chegada a sua hora (Jo 7.30).

(Veja também Jo 8.20, 10.18.)

11. Quando o Deus Altíssimo é o nosso auxílio, ninguém pode fazer-nos mal além do que Ele decreta.

Assim, afirmemos confiantemente: O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem? (Hb 13.6.)

Se Deus é por nós, quem será contra nós? (Rm 8.31).

12. A fidelidade de Deus está fundamentada no poderoso valor de seu nome, e não em nossa pequena medida de obediência.

Então, disse Samuel ao povo: Não temais; tendes cometido todo este mal.... Pois o SENHOR, por causa do seu grande nome, não desampará o seu povo (1 Sm 12.20-22).

13. O Senhor, nosso protetor, é grande e temível.

Não os temais; lembrai-vos do Senhor, grande e temível (Ne 4.14).



*Grande Deus de promessas, faça-nos crer no que tens dito.
Remove o nosso duvidar. Não nos permitas ser como Pedro,
Que, obedecendo até a metade do caminho,
Sobre as ondas, afundou de medo.
Fixa, resolutamente, nossa mente e coração em tua Palavra
E faça-nos ousados em nosso amor para com os outros.
Oh! Que tua igreja sinta-se mais feliz, ousada e resoluta
Em assumir riscos na causa da justiça e do amor!
Em o nome todo-provedor de Jesus, oramos. Amém.*

ACEITANDO A DOR DA VERGONHA

UMA MEDITAÇÃO SOBRE ATOS 5.41

EXISTE UM TIPO DE VERGONHA DA QUAL VOCÊ NÃO DEVE se envergonhar. Talvez você diga: “Então, isso não é realmente vergonha”. Mas a Bíblia o chama de vergonha, e realmente parece uma vergonha, até que um milagre acontece em nosso coração e reverte o nosso senso de valores.

A razão por que isto é importante para mim é que ainda estou aprendendo — às vezes, eu penso: apenas começando a aprender — como aceitar esta vergonha. Eu digo realmente “aceitar”, não apenas tolerar, o desagradável sentimento de ser envergonhado. Até que eu aprenda isso mais plenamente, nunca serei, entre os incrédulos, o tipo de testemunha que Deus me chama a ser.

Onde consegui este estranho conceito sobre aceitar a

vergonha? Eu o retirei da história de Pedro e dos apóstolos, em Atos 5. Eles foram presos e lançados no cárcere, por curarem um homem e pregarem a Cristo (v. 18). Naquela noite, um anjo do Senhor libertou os apóstolos e disse-lhes que fossem ao templo e pregassem “todas as palavras desta Vida” (v. 20). Mas, novamente, o Sinédrio e os sumos sacerdotes os tomaram em custódia e os acusaram de encher Jerusalém com a doutrina deles (v. 28). “Expressamente vos ordenamos que não ensinásseis nesse nome.”

Pedro respondeu com ousadia, dizendo: “Antes, importa obedecer a Deus do que aos homens” (v. 29). O Sinédrio estava pronto para matá-los, quando Gamaliel, um mestre da Lei, se levantou e disse: “Dai de mão a estes homens, deixai-os; porque, se este conselho ou esta obra vem de homens, perecerá; mas, se é de Deus, não podereis destruí-los, para que não sejais, porventura, achados lutando contra Deus. E concordaram com ele” (vv. 38,39). Com isso, os membros do Conselho mudaram seus planos, “açoitaram-nos e, ordenando-lhes que não falassem em o nome de Jesus, os soltaram” (v. 40).

Em seguida, lemos um dos versículos mais impressionantes das Escrituras:

E eles se retiraram do Sinédrio regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome (v. 41).

Leia devagar estas palavras e deixe-as penetrar em sua alma.

Observe duas coisas.

Primeira, os apóstolos foram envergonhados. Eles sofreram “afrontas”. Ser transformado em espetáculo pelos reverenciados líderes de seu povo, ser tratado como criminosos ímpios, ser despido até (pelo menos) à cintura e ser ferido tão dolorosamente, o que levou ao ponto de gritar e chorar com profundos soluços de dor — este é um momento repleto de vergonha. A Bíblia chama isto de vergonha. E é horrível.

Segunda, eles se regozijaram nesta vergonha. Use sua imaginação. Isto não é uma brincadeira. Não é romântico. Não é um momento heróico e nobre, com música sublime e milhares de espectadores. É algo terrível. A dor é excruciante. Pode resultar em morte. Não há qualquer auxílio. É humilhante. Mas os apóstolos não protestaram. Não se perturbaram com a perda de seus direitos. Não maldisseram os seus inimigos. Pelo contrário, os apóstolos cantaram. Eles se regozijaram por “terem sido julgados dignos de padecer afronta pelo nome de Jesus”.

Isso é o que pretendo dizer quando uso a expressão “aceitando o sofrimento da vergonha”. Já chegou a este ponto? Se não, tenha coragem. Poucos de nós já chegamos lá. Você quer ser assim? Eu também quero! O que devemos fazer? Três coisas:

1. *Oremos uns pelos outros.* Sejamos específicos. Supliquemos: “Pai, realiza uma profunda obra transformadora em mim, de modo que eu sinta gozo, quando sou envergonhado por causa do nome de Cristo”.

2. *Meditemos* freqüentemente na infinita obra de Cristo, na doçura de suas promessas e no grande sofrimento que Ele suportou para a nossa salvação.
3. *Avancemos* em direção ao inexplorado território do testemunhar para Cristo. Se surgirem os sentimentos dolorosos de vergonha, transformemos este cântico fúnebre em uma canção de triunfo.

Assim, o mundo começará a ver o que é mais valioso no universo: Jesus Cristo. Até que isto aconteça, parecemos tanto com as pessoas do mundo no que nos regozijamos, que elas serão pouco motivadas a nos darem atenção.



*Pai, perdoa-nos por temermos ser envergonhados
 Por causa do nome de teu Filho.
 Dá-nos o manto de Pedro,
 Que se regozijou na vergonha.
 Impele-nos a meditar dia e noite
 Nos sofrimentos de Cristo.
 Oh! Que vejamos e sintamos
 O que Ele esteve disposto a sofrer,
 Para nos tornar ousados na causa do amor.
 Avance e triunfe o evangelho de Cristo
 Por meio de nossa alegre prontidão de sofrer a vergonha.
 Por causa do nome de Jesus.
 Em nome dEle, oramos. Amém.*

vinte e três

JESUS AJUDA OS DISCÍPULOS A AUMENTAREM SUA FÉ

UMA MEDITAÇÃO SOBRE LUCAS 17.5-10

Então, disseram os apóstolos ao Senhor: Aumenta-nos a fé. Respondeu-lhes o Senhor: Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta amoreira: Arranca-te e transplanta-te no mar; e ela vos obedecerá. Qual de vós, tendo um servo ocupado na lavoura ou em guardar o gado, lhe dirá quando ele voltar do campo: Vem já e põe-te à mesa? E que, antes, não lhe diga: Prepara-me a ceia, cinge-te e serve-me, enquanto eu como e bebo; depois, comerás tu e beberás? Porventura, terá de agradecer ao servo porque este fez o que lhe havia ordenado? Assim também vós, depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer.

EM LUCAS 17.5, OS APÓSTOLOS PEDIRAM AO SENHOR

que lhes aumentasse a fé. Como Jesus os ajudou nisso? De duas maneiras, nas quais Ele lhes falou a verdade. Mesmo na maneira como Jesus respondeu, Ele mostra como a fé vem pelo ouvir. Conhecer certas coisas pode aumentar nossa fé.

Primeira, Ele fortaleceu a nossa fé por nos dizer (v. 6) que o elemento crucial em realizar grandes coisas, para promover o reino de Deus, não é *a quantidade* de nossa fé, e sim o poder de Deus. Jesus disse: “Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta amoreira: Arranca-te e transplanta-te no mar; e ela vos obedecerá”. Ao se referir ao grão de mostarda, depois de receber um pedido sobre a fé aumentada, o Senhor Jesus desvia a atenção da quantidade da fé para o objeto da fé. *Deus* move a amoreira. E isso não depende necessariamente da quantidade de nossa fé, e sim do poder, da sabedoria e do amor de Deus. Sabendo isso, somos ajudados a não nos inquietarmos quanto à nossa fé e inspirados a confiar na livre iniciativa e poder de Deus.

Segunda, Jesus ajuda-nos a aumentar a fé por dizer-nos (vv. 7-10) que, ao fazermos tudo quanto nos foi ordenado, ainda somos radicalmente dependentes da graça. Ele nos dá uma ilustração. Talvez você queira ler novamente os versículos 7 a 10. A essência da ilustração é que o senhor de um escravo não se torna devedor deste, quando este realiza muitos trabalhos. O significado é que Deus nunca é nosso devedor. O versículo 10 resume este fato: “Assim também vós, depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dizei:

Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer”. Somos servos indignos; temos feito somente aquilo que é nosso dever. Sempre somos devedores para com Deus. E nunca seremos capazes de pagar este débito, nem isto é esperado de nós. Sempre seremos dependentes da graça de Deus. Nunca conseguiremos sair de nosso débito para uma condição em que Deus é *nosso* devedor. “Quem lhe deu primeiro a ele, para que lhe seja recompensado?” (Rm 11.35).

Quando Jesus disse (v. 9) que o senhor não agradeceu ao servo, a palavra “agradecer” é provocante. Creio que a idéia é de que “agradecer” é uma reação à graça. A razão por que o senhor não agradeceu é que o servo não estava dando ao senhor mais do que este merecia. Ele não estava tratando o senhor com *graça*. Graça significa ser tratado melhor do que merecemos. Isto é o que acontece em nosso relacionamento com Deus. *Nunca* podemos tratar a Deus com graça. Nunca podemos dar-Lhe mais do que Ele merece. Isto significa que Ele nunca nos deve agradecimentos. Ele nunca nos diz: “Obrigado!” Pelo contrário, Deus está sempre nos dando mais do que merecemos, e sempre *Lhe* devemos agradecimentos.

Portanto, a lição para nós é que, ao fazermos tudo o que devemos — quando tivermos resolvido todos os problemas da igreja, corrigido todas as atitudes de todos os crentes, mobilizado muitos missionários, amado os pobres, resgatado casamentos, criado filhos piedosos, cumprido todas as promessas que fizemos, honrado todas as respon-

sabilidades de nossos negócios e proclamado com ousadia a Cristo — Deus não nos deve qualquer agradecimento. Pelo contrário, naquele momento nos relacionaremos com Ele como devedores à graça, assim como o fazemos agora.

Isto é um grande encorajamento para a fé. Por quê? Porque significa que Deus é tão livre para abençoar-nos *antes* de nos mostrarmos eficientes como também *depois*. Visto que somos servos “inúteis”, antes de fazermos o que devíamos, e “inúteis” depois de havermos feito, é somente a graça que motiva a Deus a ajudar-nos. Por conseguinte, Ele é livre para ajudar-nos antes e depois de O servirmos. Isto é um grande incentivo para confiarmos nEle, a fim de recebermos ajuda, quando não estamos sendo eficientes. E esta confiança é exatamente aquilo que obtém o poder de sermos eficientes.

Portanto, duas coisas aumentam nossa fé.

1. Deus mesmo, e não a quantidade de nossa fé, é o fator decisivo em remover amoreiras do caminho.
2. A graça espontânea é decisiva na maneira como Deus lida conosco antes e depois de havermos feito tudo o que devíamos.

Nunca agimos além de nossa necessidade por graça. Por isso, confiemos em Deus para as grandes coisas com nossa pequena fé e não sejamos paralisados por aquilo que ainda

precisa ser feito em nossa vida pessoal, na igreja, em nossa profissão e na causa de missões mundiais.



*Pai de misericórdias e Deus de toda a graça,
Como Tu és maravilhoso!
Amamos meditar na verdade de que Tu
Nunca nos agradeces por qualquer coisa
E de que isto é agradável.
Tu nunca estás em débito para conosco.
Nós sempre o estamos para contigo.
Devemos tudo a Ti.
Tu amas ter a situação deste modo:
Tu, recebendo o louvor e a gratidão;
Nós, obtendo a ajuda e a satisfação.
Queremos permanecer nesta situação.
Oh! Vivamos familiarizados com a felicidade
De tua eterna generosidade!
Agradecemos-Te, em nome de Jesus. Amém.*

OS CAMINHOS ESTRANHOS DO NOSSO MARAVILHOSO EDIFICADOR

CRISTO ESTAVA EDIFICANDO A SUA IGREJA EM 11 DE setembro de 2001, quando as torres do World Trade Center ruíram? Ou, quando o nosso mundo particular entrou em colapso? A razão por que surgem estas perguntas é a autoridade absoluta e universal expressada na promessa de Jesus: “Edificarei a minha igreja” (Mt 16.18). Quem disse estas palavras? Aquele que falava e as febres se retiravam (Lc 4.39), árvores murchavam (Mc 11.21), os demônios obedeciam (Mc 1.27), Satanás era roubado (Mc 3.27), os ventos cessavam (4.41), os mortos eram ressuscitados (Lc 7.14; Jo 11.43), milhares comiam de cinco pães e dois peixes (Mt 14.19-21), a água se tornava vinho (Jo 2.6-10) ou um caminho para seus pés (Mt 14.25,26).

Esta autoridade sobre o céu e a terra está explicitamente

relacionada ao compromisso missionário de Cristo em edificar a sua igreja. “Edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16.18). “Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mt 28.18-19). Em outras palavras, Jesus está resolutamente comprometido em usar seu poder sobre o céu, a terra e o inferno, para fazer discípulos. Nenhum acontecimento que Jesus permite ou produz no universo está fora do seu propósito de edificar sua igreja.

Mas as coisas não parecem ser assim. Os caminhos dEle não são os nossos caminhos. Ele raramente se move em linha reta, do ponto A ao ponto B. *O caminho para o alto quase sempre passa por baixios.* O rio faz curvas para trás, afastando-se do mar, enquanto se encaminha para este. Tentei captar esta idéia em um poema a respeito da vida intensamente dolorosa de Oséias:

*Não pense, meu filho, que o grande rio
Do amor de Deus corre apenas para o mar.
Ele não almeja endireitar, e sim libertar
Almas teimosas como você e eu.
Siga a correnteza, por onde quer que ela vá;
Ela sempre corre com amor e graça.*

O surpreendente e sinuoso caminho de Deus, na história da redenção, trouxe Paulo a estas palavras: “Ó profundidade

da riqueza, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis [são] os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!” (Rm 11.33.)

Por exemplo, Cristo estava edificando triunfantemente sua igreja quando foi morto por seus inimigos e sepultado por três dias? Jesus responde: “Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei” (Jo 2.19); “Dou a minha vida pelas ovelhas. Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco... Ninguém a tira de mim... Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la” (Jo 10.15,16-18). Em outras palavras, o que parecia um fracasso e tragédia era completa autoridade — e incluía a compra de “outras ovelhas”. Por meio do pior dos pecados cometidos — o assassinato do Filho de Deus — Jesus estava edificando triunfantemente a sua igreja.

Cristo estava edificando a sua igreja quando o apóstolo Paulo foi preso em Roma? Paulo responde: “Quero, irmãos, cientificar-vos de que as coisas que me aconteceram têm contribuído para o progresso do evangelho; de maneira que as minhas cadeias, em Cristo, se tornaram conhecidas de toda a guarda pretoriana e de todos os demais; e a maioria dos irmãos, estimulados no Senhor por minhas algemas, ousam falar com mais desassombro a palavra de Deus” (Fp 1.12-14); “Estou sofrendo até algemas, como malfeitor; contudo, a palavra de Deus não está algemada” (2 Tm 2.9). Em outras palavras, o que parecia derrota mostrava o estranho desígnio de Cristo para a vitória.

Cristo estava edificando a sua igreja na China, quando

os comunistas triunfaram em 1949 e acabaram com 150 anos de presença missionária evangélica?

O crescimento da igreja na China, desde 1977, não tem paralelo na História... Mao Tsé-Tung tornou-se inconscientemente o grande evangelista da História... [Ele] procurou destruir toda “superstição” religiosa, mas, neste processo, removeu obstáculos espirituais para o avanço do cristianismo. Deng [Xiaoping] reverteu os horrores infligidos por Mao e, ao liberar a economia, deu mais liberdade aos cristãos... [Hoje] a Igreja do Senhor Jesus é maior do que o Partido Comunista da China.

Então, este Cristo que governa todas as coisas estava edificando a sua igreja em 11 de setembro de 2001? Respondo com perguntas que não são apenas hipotéticas. O que aconteceria, se Cristo visse os aviões seguindo para a destruição de milhares de pessoas e o transtorno das nações? O que aconteceria, se, ao mesmo tempo, Ele visse 200 milhões de “intocáveis” (*os dalits*) na Índia? O que aconteceria se Ele visse que sua obra, já em andamento há séculos, de libertá-los da escravidão ao hinduísmo estava prestes para chegar à consumação, em nossos dias, e que eles estavam considerando a aceitação do islamismo, ou, talvez, do cristianismo, ou do budismo? E o que aconteceria, se Ele previsse que o terrorismo islâmico contra cidadãos de Nova

Porque teria um efeito poderoso de inclinar milhares de *dalits* a se afastarem do islamismo e se inclinarem para Cristo? O que aconteceria se Ele restringisse seu poder de impedir os terroristas, porque (juntamente com milhares de outros efeitos esperançosos) Ele tinha em vista a vida eterna de milhões de pessoas “intocáveis” na Índia? E, se não foi este o seu plano, talvez meu neto contará uma história melhor da graça soberana, que somente o tempo revelará.



*Deus e Pai todo-poderoso, firma nossas mãos
 No arado da obediência, quando
 Enfrentamos sofrimentos terríveis.
 Recorda-nos e assegura-nos que
 Tu és soberano e bom.
 Impede-nos de murmurar contra Ti,
 Em tua inescrutável sabedoria.
 Faz-nos confiantes de que tens toda autoridade
 E de que estás edificando invencivelmente tua igreja,
 Mesmo quando existem derrotas aparentes.
 No poderoso nome de Jesus. Amém.*

ESTRATÉGIAS PARA LUTAR CONTRA A LASCÍVIA

ESTOU PENSANDO EM HOMENS E MULHERES. PARA OS homens, isto é óbvio. A necessidade de lutar contra o bombardeamento de tentações visuais para nos fixarmos em imagens sexuais é urgente. Para as mulheres, isto é menos óbvio, porém tal necessidade se torna maior, se ampliamos o escopo da tentação de alimentar imagens ou fantasias de relacionamentos. Quando uso a palavra “lascívia”, estou me referindo principalmente à esfera dos pensamentos, imaginações e desejos que visualizam as coisas proibidas por Deus e freqüentemente nos levam a conduta sexual errada.

Não estou dizendo que o sexo é mau. Deus o criou e o abençoou. Deus tornou o sexo agradável e definiu um lugar para ele, a fim de proteger sua beleza e poder — ou seja, o casamento entre um homem e uma mulher. Mas o sexo tornou-se corrompido pela queda do homem

no pecado. Portanto, temos de exercer restrição e fazer guerra contra aquilo que pode nos destruir. Em seguida, apresentamos algumas estratégias para lutar contra desejos errados.

EVITAR — evite, tanto quanto for possível e sensato, imagens e situações que despertam desejos impróprios. Eu disse “tanto quanto possível e sensato”, porque às vezes a exposição à tentação é inevitável. E usei os termos “desejos impróprios” porque nem todos os desejos por sexo, alimento e família são maus. Sabemos quando tais desejos são impróprios, prejudiciais e estão se tornando escravizantes. Conhecemos nossas fraquezas e o que provoca tais desejos. Evitar é uma estratégia bíblica. “Foge, outrossim, das paixões da mocidade. Segue a justiça” (2 Tm 2.22). “Nada disponhais para a carne no tocante às suas concupiscências” (Rm 13.14).

NÃO — diga “não” a todo pensamento lascivo, no espaço de cinco segundos.¹ E diga-o com a autoridade de Jesus Cristo. “Em nome de Jesus: Não!” Você não tem mais do que cinco segundos. Se passar mais do que esse tempo sem opor-se a tal pensamento, ele se alojará em sua mente com tanta força, a ponto de se tornar quase irremovível. Se

1. Mais informações neste assunto, veja capítulo 16.

tiver coragem, diga-o em voz alta. Seja resoluto e hostil. Como disse John Owen: “Mate o pecado, se não ele matará você”.² Ataque-o imediatamente, com severidade. “Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós” (Tg 4.7).

VOLTAR — volte seus pensamentos forçosamente para Cristo, como uma satisfação superior. Dizer “não” será insuficiente. Você tem de mover-se da defesa para o ataque. Combata o fogo com fogo. Ataque as promessas do pecado com as promessas de Cristo. A Bíblia chama a lascívia de “concupiscências do engano” (Ef 4.22). Tais concupiscências mentem. Prometem mais do que podem oferecer. A Bíblia as chama de “paixões que tínheis anteriormente na vossa ignorância” (1 Pe 1.14). Somente os tolos cedem a elas. “Num instante a segue, como o boi que vai ao matadouro” (Pv 7.22). O engano é vencido pela verdade. A ignorância é derrotada pelo conhecimento. E tem de ser uma verdade gloriosa e um conhecimento formoso. Esta é razão por que escrevi o livro *Vendo e Provando a Cristo* (*Seeing and Proving Christ* — Crossway, 2001). Preciso de breves retratos de Cristo para me manter despertado, espiritualmente, para a sublime grandeza do Senhor Jesus. Temos de encher nossa mente com as promessas e os deleites de Jesus. E volvermo-

2. John Owen, *The Mortification of Sin*, in *The Works of John Owen*, ed. William H. Gould, vol. 6 (Londres: Johnstone & Hunter, 1852; reprint, Edimburgo e Carlisle, Penn.: Banner of Truth, 1959), p. 9.

nos imediatamente para tais promessas e deleites, depois de havermos dito “não”.

MANTER — mantenha, com firmeza, a promessa e o deleite de Cristo em sua mente, até que expulsem a outra imagem. “Olhando firmemente para... Jesus” (Hb 12.2). Muitos fracassam neste ponto. Eles desistem logo. Dizem: “Tentei expulsar a fantasia, mas não deu certo”. Eu lhes pergunto: “Por quanto tempo fizeram isso?” Quanta rigidez exerceram em sua mente? Lembre: a mente é um músculo. Você pode flexioná-la com violência. Tome o reino de Deus por esforço (Mt 11.12). Seja brutal. Mantenha diante de seus olhos a promessa de Cristo. Agarre-a. Agarre-a! Não a deixe ir embora. Continue segurando-a. Por quanto tempo? Quanto for necessário. Lute! Por amor a Cristo, lute até vencer! Se uma porta automática estivesse para esmagar seu filho, você a seguraria com toda a sua força e gritaria por ajuda. E seguraria aquela porta... seguraria... seguraria... Jesus disse que muito mais está em jogo no hábito da lascívia (Mt 5.29).

APRECIAR — aprecie uma satisfação superior. Cultive as capacidades de obter prazer em Cristo. Uma das razões porque a lascívia reina em tantas pessoas é porque Cristo não lhes é muito cativante. Falhamos e somos enganados porque temos pouco deleite em Cristo. Não diga: “Esta conversa espiritual não é para mim”. Que passos você tem dado para despertar sua afeição por Cristo. Você tem lutado

por encontrar gozo? Não seja fatalista. Você foi criado para valorizar a Cristo — de todo o coração — mais do que valoriza o sexo, o chocolate ou o açúcar. Se você tem pouco desejo por Cristo, os prazeres rivais triunfarão. Peça a Deus que lhe dê a satisfação que você não tem. “Sacia-nos de manhã com a tua benignidade, para que cantemos de júbilo e nos alegremos todos os nossos dias” (Sl 90.14). E olhe... olhe... e continue olhando para Aquele que é a pessoa mais magnificente do universo, até que você o veja da maneira como Ele realmente é.

MOVER — mova-se da ociosidade e de outros comportamentos vulneráveis para uma atividade útil. A lascívia cresce rapidamente no jardim da ociosidade. Encontre algo útil para realizar, com todas as suas forças. “No zelo, não sejais remissos; sede fervorosos de espírito, servindo ao Senhor” (Rm 12.11); “Sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão” (1 Co 15.58). Seja abundante em atividades. Faça alguma coisa: limpe um quarto, pregue uma tábua, escreva uma carta, conserte uma torneira. E faça tudo por amor a Jesus. Você foi criado para administrar e trabalhar. Cristo morreu para nos tornar zelosos “de boas obras” (Tt 2.14). Substitua as concupiscências e paixões enganosas por boas obras.



*Pai de misericórdias, quão freqüentemente
Deixamos de lutar contra a lascívia.
Temos abraçado o inimigo que faz guerra contra a nossa alma.
Perdoa-nos, de acordo com tua promessa de ser
Tardio em ira e abundante em misericórdia.
Vem agora e dá-nos nova determinação
Novo poder e nova visão de tuas
Promessas e de teu supremo valor.
Sacia-nos de manhã com a tua benignidade
Destrói a raiz de nossa lascívia com um prazer superior.
Em nome de Jesus, oramos. Amém.*

ORAÇÕES À HORA DAS REFEIÇÕES DA FAMÍLIA PIPER

ESCREVI AS SEGUINTE ORAÇÕES PARA USARMOS NOS horários de refeições em nossa família. Há uma oração longa e uma oração breve para cada uma das refeições diárias. As três orações longas têm sido de grande valor para nossa família durante muitos anos, e todos os nossos filhos conhecem de coração estas orações, de modo que são capazes de recitá-las juntos, sem as palavras escritas.

Por exemplo, em agosto de 2001, quando Benjamim, nosso segundo filho mais velho, casou-se no Brasil, pediram-me que orasse em uma grande reunião familiar, em Fortaleza. Em vez de orar em minhas próprias palavras, disse: “Acho que gostaria de pedir a meus filhos (Karsten, Benjamim, Abraham, Barnabas, Talitha) que fizessem comigo e com minha esposa a oração que usamos durante os anos de crescimento deles”. Então, recitamos aquela oração, de memória. As pessoas sentiram-se tão comovidas pelo fato

de que nossa família pôde recitar a oração em uníssono, sem ensaiar, que me pediu recitasse de novo, lentamente, aquela oração, para que eles a traduzissem, frase por frase, para o português. Isso foi um maravilhoso testemunho de Cristo para todas as pessoas que ali estavam.

Por isso, apresento-as aqui, não com a expectativa de que serão usadas, e sim com a expectativa de que elas despertarão sérias reflexões a respeito daquilo que realmente queremos que Deus faça nas horas de refeição, e que nos façam pensar sobre aquilo pelo qual somos verdadeiramente gratos.

REFEIÇÃO MATINAL

(BREVE)

Senhor Jesus, obrigado por este dia,
Pela noite de descanso,
Por esta refeição e pela maneira
Como sempre somos abençoados.

(LONGA)

Nosso Pai, todos os dias nos dás
A comida com a qual nosso corpo sobrevive.
Por isso, agradecemos a Ti, de coração,
E rogamos que, no começo deste dia,
Permitas que nossos olhos vejam
Tua infinita generosidade
E que, estando assim satisfeitos,
Façamos somente aquilo que Tu desejas.

REFEIÇÃO DO MEIO-DIA

(BREVE)

Senhor Jesus, obrigado por estes dons
E pelo que cada um deles revela.
Obrigado por tua benignidade que eleva
Nosso coração a louvores do meio-dia.

(LONGA)

Pai, somos gratos por esta hora
Para sentarmos e extrairmos do teu poder
Demonstrado na chuva e no sol.
E derramado em cada grão de cereal.
Que esta refeição, produzida por Ti
E colocada graciosamente diante de nós,
Restaure nossa força nas próximas horas,
Para que sejas o senhor de todo o nosso poder.

REFEIÇÃO VESPERTINA

(BREVE)

Senhor Jesus, vem à nossa refeição
E abençoa para nós este alimento.
Onde a fé é fraca, revela, Senhor querido,
Que tudo que nos dás é bom.

(LONGA)

Pai, quão fiel é o teu cuidado!
De novo e como sempre, eis a comida!
Novamente, tens colocado diante de nós

Uma refeição, e rogamos que signifique mais
 Do que apenas pessoas supridas de alimento.
 Senhor, faz que tenhamos disposição amável
 E, enquanto renovas o nosso corpo,
 Vem e alimenta também nossa união.



*Pai gracioso, Tu és um Deus que ouves a oração.
 Queremos ter comunhão contigo, em oração, todos os dias.
 Agradecemos-Te por todos os dons que temos —
 Vida, respiração e tudo mais.
 Ensina-nos como formular expressões espontâneas
 De exultação (e súplica) em tempos regulares
 E disciplinados na hora de oração — como nas horas de refeição.
 Não permitas que abandonemos os doces hábitos de gratidão.
 Impele-nos a orar, sempre e sempre.
 Ouve-nos, em nome de Jesus. Amém.*

NUNCA É CORRETO FICAR IRADO CONTRA DEUS

RECENTEMENTE, DISSE ESTAS PALAVRAS A UM GRUPO de centenas de pessoas: “Nunca, nunca, nunca é correto ficar irado contra Deus”. Houve uma feição de incredulidade em muitos rostos. Muitas pessoas não aceitavam tais palavras. É evidente que não concordavam com tal afirmação.

Obviamente, alguns me compreendiam, outros pareciam confusos. Desde então, tenho pensado muito sobre aqueles olhares perplexos. Que pressuposições tornaram esta afirmação difícil de ser aceita? Para mim, nada poderia ser tão óbvio. Mas, por que ela parece tão confusa para outros?

Existem duas pressuposições que podem ser comuns para muitas pessoas de nossos dias, duas pressuposições que fazem tais pessoas recuar diante de minha afirmação.

Primeira, muitos pressupõem que sentimentos não são certos nem errados; são neutros. Por isso, dizer que a ira

(quer seja contra Deus ou contra qualquer pessoa) não é correta assemelha-se a dizer que espirrar não é correto. Você não coloca o rótulo de “certo” ou “errado” em espirrar. É algo que apenas acontece com você. Essa é a maneira como muitas pessoas pensam sobre os sentimentos: eles apenas acontecem com você. Por conseguinte, não são morais ou imorais; são neutros. Assim, eu dizer que nunca é correto ficar irado contra Deus equivale a colocar o sentimento de ira em uma categoria à qual ele não pertence — a categoria moral.

Este tipo de pensamento sobre os sentimentos é uma das razões por que existe tanta superficialidade no cristianismo. Pensamos que somente atos de reflexão e volição têm relevância moral, neste mundo. E achamos que sentimentos como desejo, deleite, frustração e ira são sentimentos involuntários, que irrompem em nossa alma sem relevância moral. Não nos admiramos com o fato de que muitas pessoas não buscam serem transformadas em seus sentimentos, mas apenas nas “escolhas”. Isso produz um crente superficial.

Esta pressuposição é contrária ao ensino da Bíblia. Na Bíblia, muitos sentimentos são considerados moralmente bons ou maus. O que os torna bons ou maus é a maneira como eles se relacionam com Deus. Se mostram que Deus é verdadeiro e precioso, os sentimentos são bons. Se sugerem que Deus é mau, falso ou tolo, tais sentimentos são maus. Por exemplo, o deleitar-se no Senhor não é neutro, visto que é recomendado (Sl 37.4). Portanto, é bom. Mas

deleitar-se com a injustiça é errado (2 Ts 2.12), porque significa que o pecado é mais desejável do que Deus, e isto não é verdade.

O mesmo é verdade a respeito da ira. A ira demonstrada em relação ao pecado é boa (Mc 3.5), mas a ira dirigida contra a bondade é pecado. Essa é a razão por que nunca é correto ficar irado contra Deus. Ele é sempre e tão-somente bom, não importa quão estranhos e dolorosos pareçam os caminhos dEle para conosco. A ira dirigida contra Deus significa que Ele é mau, fraco, cruel e tolo. Nada disso é verdade e isso desonra a Ele. Quando Jonas e Jó ficaram irados contra Deus, Jonas foi repreendido por Deus (Jn 4.9), e Jó se arrependeu no pó e na cinza (Jó 42.6).

A segunda pressuposição que pode levar muitas pessoas a tropeçarem na afirmação de não ser correto ficar irado contra Deus é a pressuposição de que Deus realmente faz coisas que nos dão motivo para ficarmos aborrecidos com Ele. Mas, embora a providência de Deus pareça bastante dolorosa, devemos crer que Ele é bom, e não ficarmos irados contra Ele. Isso seria semelhante a ficarmos irados contra o cirurgião que nos opera. Tal ira seria correta, se o cirurgião se enganasse e cometesse um erro. Mas Deus nunca se engana.

Tenho aprendido, com o passar dos anos, que, se uma pessoa pergunta: “É correto ficar irado contra Deus?”, ela pode estar querendo perguntar outra coisa bem diferente. Talvez esteja querendo dizer: “É correto *expressar* ira contra Deus?” Estas perguntas não significam a mesma coisa, e a

resposta nem sempre é a mesma.

Este tipo de pergunta geralmente surge em tempos de perdas e grandes sofrimentos. A doença ameaça desfazer todos os seus sonhos. A morte toma um filho precioso da família. Um divórcio ou um abandono completamente inesperados abala os alicerces de seu mundo. Nestas ocasiões, as pessoas são capazes de se irarem bastante contra Deus.

Isto é correto? Para responder esta pergunta, podemos, talvez, questionar as pessoas iradas: é correto *sempre* ficar irado contra Deus? Em outras palavras, uma pessoa pode sentir-se irada contra Deus por qualquer motivo e ainda estar correta? Foi correto, por exemplo, Jonas irar-se contra a misericórdia de Deus para com Nínive? “Deus se arrependeu do mal que tinha dito lhes faria e não o fez. Com isso, desgostou-se Jonas extremamente e *ficou irado*” (Jn 3.10-4.1). Imagino que a resposta é “não”. Não devemos ficar irados contra Deus por simplesmente qualquer razão.

Todavia, perguntamos: que atos de Deus nos dariam o direito de ficarmos irados contra Ele, e quais atos não nos dariam este direito? Isto é difícil de responder. A verdade começa a fechar o coração irado.

Que tal respondermos: as coisas que nos desagradam? Estes atos de Deus justificam nossa ira contra Ele? São atos de Deus que nos ferem? “Eu mato e eu faço viver; eu firo e eu saro; e não há quem possa livrar alguém da minha mão” (Dt 32.39). Estes atos nos justificam em dirigir nossa ira contra Deus? Ou é a escolha dEle em permitir que o diabo

nos prejudique ou nos aflija? “Disse o SENHOR a Satanás: Eis que ele [Jó] está em teu poder; mas poupa-lhe a vida. Então, saiu Satanás da presença do SENHOR e feriu a Jó de tumores malignos, desde a planta do pé até ao alto da cabeça” (Jó 2.6-7). A decisão de Deus em permitir que Satanás aflija a nós e a nossos filhos justifica a ira que sentimos contra *Ele*?

Ou veja a ira por outro lado. O que é a ira? A definição comum é: “Um intenso estado emocional induzido por desprazer”. Mas existe uma ambigüidade nesta definição. Você pode sentir “desprazer” por uma coisa ou por uma pessoa. Ira por uma coisa não contém indignação contra uma decisão ou um ato. Apenas não gostamos dos resultados daquela coisa: a embreagem quebrada, o grão de areia que alojou-se em nosso olho ou a chuva em nosso piquenique. Mas, quando ficamos irados contra uma pessoa, sentimos desprazer na escolha que ela fez ou na atitude que ela praticou. A ira contra uma pessoa sempre implica forte desaprovação. Se você está irado contra mim, acha que eu fiz algo que não deveria ter feito.

Esta é razão por que irar-se contra Deus nunca é correto. É errado — sempre errado — desaprovar a Deus por aquilo que Ele faz e permite. “Não fará justiça o Juiz de toda a terra?” (Gn 18.25). É arrogância de criaturas finitas e pecaminosas desaprovar a Deus por aquilo que Ele faz e permite. Podemos lamentar o sofrimento. Podemos ficar irados contra o pecado e contra Satanás. Mas Deus é sempre correto naquilo que faz e permite. “Ó Senhor Deus, Todo-

Poderoso, verdadeiros e justos são os teus juízos” (Ap 16.7).

Muitos dos que dizem ser correto o *irar-se* contra Deus realmente querem dizer que é correto *expressar* a Deus a sua ira. Quando eles me ouvem afirmar que é errado *ficar irado* contra Deus, pensam que isto significa: “Alimente os seus sentimentos e seja hipócrita”. Este não é o significado das minhas palavras. Elas significam que é sempre errado desaprovar a Deus em qualquer de seus juízos.

Se experimentamos a emoção pecaminosa de ira contra Deus, o que devemos fazer? Devemos acrescentar o pecado de hipocrisia ao pecado de ira? Não. Se temos tal sentimento, devemos confessá-lo a Deus. Ele o conhece, de qualquer maneira. Deus vê o nosso coração. Se a ira contra Deus estiver em nosso coração, podemos contar-lhe isso, dizer que sentimos tristeza e pedir-Lhe que nos ajude a remover tal ira, mediante a fé em sua bondade e sabedoria.

Quando Jesus morreu na cruz por nossos pecados, Ele removeu para sempre a ira de Deus, em favor de todos os que crêem nEle. A disposição de Deus para conosco agora é de completa misericórdia, mesmo quando se mostra severa e disciplinadora (Rm 8.1). Portanto, aqueles que confiam em Cristo serão removidos do terrível espectro da ira de Deus. Podemos clamar em agonia: “Deus meu, Deus meu, onde estás?” Mas logo diremos também: “Em tuas mãos, entrego o meu espírito”.

Digo-o novamente: nunca é correto ficar irado contra Deus. Mas, se você cair neste pecado, não o aumente por meio de hipocrisia. Conte a Deus a verdade e arrependa-se.



*Pai celestial, perdoa-nos, por favor, as vezes
Em que Te acusamos, impelidos por nossa ira.*

*Oh! Quão frágil é a nossa fé
Em tua perfeita bondade, poder e sabedoria.*

*Fortalece a nossa confiança de que
Nunca és digno de nossa ira ou acusação.*

Torna-nos humildes.

Calemos nossos lábios

Na tragédia e sintamos a verdade:

O Juiz de toda a terra fará o que é certo.

Em nome de Jesus. Amém.

A IGREJA ERA IMPUGNADA EM TODOS OS LUGARES

O EVANGELHO PODE SE PROPAGAR, MILHARES PODEM ser convertidos, igrejas podem crescer e o amor pode ser abundante onde o cristianismo é continuamente impugnado? Sim. Isto não somente é possível, mas tem acontecido. Não digo isto para desestimular o encanto, e sim para estimular a esperança. Não suponha que as épocas de hostilidade ou controvérsia serão tempos de declínio, com pouco poder e crescimento. Podem ser épocas de crescimento explosivo e grande bênção espiritual.

Como sabemos isto? Considere a maneira como Lucas relata o estado da igreja em Atos dos Apóstolos. Quando Paulo finalmente chega a Roma, quase ao final de sua vida, ele convida “os principais dos judeus” a virem e ouvirem seu evangelho. O que esses líderes disseram a respeito da “seita” dos cristãos é bastante significativo. Eles disseram:

“É corrente a respeito desta seita que, por toda parte, é ela impugnada” (At 28.22).

Isto não era uma surpresa para os discípulos que conheciam as palavras de Jesus: “Sereis odiados de todas as nações, por causa do meu nome” (Mt 24.9); e: “Se chamaram Belzebu ao dono da casa, quanto mais aos seus domésticos?” (Mt 10.25.)

A igreja primitiva era uma igreja preparada para o combate. Sim, houve épocas de tranquilidade (At 9.31), mas isso foi uma exceção. Na maior parte do tempo, houve difamações e mal-entendidos, sem mencionar disputas internas sobre ética e doutrina. Quase todas as epístolas de Paulo refletem controvérsia na igreja, bem como as aflições que vinham de fora. O principal ensino destes fatos não é que tal situação é desejável, e sim que ela não impede o poder e o crescimento da igreja.

Parece que este era o ponto de vista de Lucas, pois, embora tenha mostrado o cristianismo como uma seita impugnada, ele também retratou o seu crescimento permanente em todo o Livro de Atos — “Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos. (At 2.47); “Naqueles dias, multiplicando-se o número dos discípulos...” (At 6.1); “Crescia a palavra de Deus, e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos” (At 6.7); “A mão do Senhor estava com eles, e muitos, crendo, se converteram ao Senhor” (At 11.21); “A palavra do Senhor crescia e se multiplicava” (At 12.24); “As igrejas... aumentavam em número” (At 16.5); “Dando ensino a que

todos os habitantes da Ásia ouvissem a palavra do Senhor” (At 19.10); “A palavra do Senhor crescia e prevalecia poderosamente” (At 19.20).

Por conseguinte, não devemos pensar que controvérsia e conflito impedem a igreja de experimentar o poder do Espírito Santo e grande crescimento. Somos ensinados em Romanos 12.18: “Se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens”. Mas não somos ensinados a sacrificar a verdade em favor da paz. Paulo disse: “Ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema” (Gl 1.8).

E, se houvesse tanto conflito e hostilidade, que os pregadores do evangelho fossem aprisionados, esse momento de notícias más seria uma ocasião de triunfo do evangelho. Por quê? Paulo disse: “Estou sofrendo até algemas, como malfeitor; contudo, a palavra de Deus não está algemada” (2 Tm 2.9). De fato, se Deus e a verdade forem muito amados, talvez aconteça que nos mostremos dispostos a assumir posturas que incorram em difamação e hostilidade e o Espírito Santo nos mova mais poderosamente do que em tempos de paz e popularidade.

Às vezes, os crentes têm o favor da sociedade; e, às vezes, somos impugnados pela sociedade. Em ambos os casos, Deus pode fazer (e o faz com frequência) derramar seu poder para um testemunho eficaz. Tanto a paz como a difamação podem ser ocasião de bênção. Por isso, não aceitemos a suposição de que tempos de menosprezo social tem de ser

tempos de fraqueza e esterilidade para o evangelho. Podem ser sinais de fidelidade e ocasiões de grande colheita. A igreja era “impugnada” por toda parte, mas a “palavra do Senhor crescia e prevalecia poderosamente” (At 19.20).



*Pai celestial, contempla as ameaças
Lançadas contra o teu povo e dá aos teus servos
Que continuem a falar com ousadia a tua Palavra.
Que jamais cansemos de fazer o bem por causa de oposição
E que nunca desesperemos, como se a Palavra estivesse presa.
Mantém-nos esperançosos e confiantes de que edificarás
A tua igreja e glorificarás o teu Filho.
Usa-nos nesta grande causa.
Em nome de Jesus, oramos. Amém.*

COM QUE TIPO DE MORTE VOCÊ GLORIFICARÁ A DEUS?

UMA MEDITAÇÃO SOBRE JOÃO 21.18-19

QUANDO JOÃO ESCREVEU SEU EVANGELHO, TALVEZ Pedro já houvesse sido morto por Nero, o imperador romano. Portanto, quando João registrou as palavras de Jesus sobre a morte vindoura de Pedro, João pôde olhar para trás e interpretar o simbolismo que Jesus usou. Eis o que Jesus disse a Pedro, com a interpretação de João:

Em verdade, em verdade te digo que, quando eras mais moço, tu te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias; quando, porém, fores velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá e te levará para onde não queres. Disse isto para significar com que gênero de morte Pedro havia de glorificar a Deus. Depois de

assim falar, acrescentou-lhe: Segue-me (Jo 21.18,19).

Ouvir de seu Senhor e Amigo que você morrerá no serviço dEle é algo que nos torna sérios. Foi uma mensagem indireta, mas Pedro compreendeu o significado. E quem sabe que feição havia no rosto de Jesus, quando Ele disse estas palavras? Todavia, este é o preço de seguir a Jesus. Isto não difere do que Ele prediz para cada um de nós. “Se alguém vem a mim e não aborrece... a sua própria vida, não pode ser meu discípulo” (Lc 14.26). “Quem ama a sua vida perde-a; mas aquele que odeia a sua vida neste mundo preservá-la-á para a vida eterna” (Jo 12.25). “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me” (Mt 16.24). “Matarão alguns dentre vós. De todos sereis odiados por causa do meu nome” (Lc 21.16,17).

A tradição nos diz que Pedro foi crucificado de cabeça para baixo, em Roma, durante uma das perseguições de Nero, nos anos 60 d.C. Eusébio, o historiador da igreja primitiva, escreveu: “Parece que Pedro pregou no Ponto, Galácia, Bitínia, Capadócia e Ásia aos judeus da Dispersão. Quando, por fim, veio a Roma, foi ali crucificado de cabeça para baixo, pois ele mesmo havia pedido para sofrer deste modo”.¹

Jesus predisse o martírio de Pedro. Jesus sabia o tipo de

1. Eusébio, *Ecclesiastical History*, III, I.

morte e o tempo específico. Este conhecimento específico poderia desanimar Pedro. Ou poderia servir para lembrá-lo que, não importando o que tivesse de lhe acontecer, o Senhor Jesus nunca é tomado de surpresa. E não somente isso, Jesus falou estas palavras a Pedro depois de ressuscitar triunfantemente dentre os mortos. Isto significava que, “havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre ele” (Rm 6.9). Portanto, Jesus estaria vivo e reinando quando Pedro fosse morto. Ele estaria lá para ajudá-lo. “Eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mt 28.20). E não somente para ajudá-lo a enfrentar a morte, mas também para ressuscitá-lo: “Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do seu Espírito, que em vós habita” (Rm 8.11).

Jesus sabia que uma parte da vontade de Pedro não queria esta morte. “Quando, porém, fores velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá e te levará para onde não queres” (Jo 21.18). O próprio Jesus clamou: “Se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres” (Mt 26.39). Isto também acontece com todo que segue os passos de Jesus. Sofrimento é sofrimento, e não prazer. Somente um amor mais sublime leva você a aceitar a morte, quando poderia evitá-la negando a Cristo.

João afirmou que a morte de Pedro glorificaria a Cristo:

“Disse isto para significar com que gênero de morte Pedro *havia de glorificar a Deus*” (Jo 21.19). A maneira como João disse estas palavras parece mostrar que ele considerava todas as mortes de crentes como designadas para a glória de Deus. A diferença é esta: com que tipo de morte glorificaremos a Deus?

Você está pronto para isto? Você demonstrará que Deus é grande na maneira como morrerá? Você dirá: “O viver é Cristo, e o morrer é lucro” (Fp 1.21). Você dará nomes agradáveis a este inimigo horrendo, torturante e derrotado? A perda de todos os queridos de sua família terrena, dos amigos e de seus bens desvanece ante à perspectiva de ver e estar com Cristo?

Depois de haver predito a morte horrível de Pedro, Jesus disse-lhe: “Segue-me”.

Saiamos, pois, a ele, fora do arraial (Hb 13.13).



*Pai, ensina-nos a contar os nossos dias
Para alcançarmos um coração sábio.
Impede que nos juntemos ao mundo
Em esquecer a certeza de nossa morte.
Não nos deixe brincar com a preciosidade da vida.
Torna-nos dispostos a morrer bem, ajudando-nos
A viver bem e ensinando-nos a confiar bem em Ti.
Não deixe que nos surpreendamos com o sofrimento.
Não permitas ficarmos surpresos, se levados cedo desta vida.
Não permitas que paremos diante da traição de amigos
E o furor da inimizade.
Ajuda-nos a aceitar o que é destinado a nós
E a considerá-lo um regozijo
E dizer com Paulo: “O viver é Cristo, e o morrer é lucro”.
Em nome de Jesus. Amém.*

O PAI DE JOHN G. PATON

A CHAVE DA CORAGEM DELE

JOHN G. PATON FOI UM MISSIONÁRIO NO ARQUIPÉLAGO das Novas Hébridas, hoje chamadas Vanuatu, no Sudeste do Pacífico. Ele nasceu na Escócia em 1824. Escrevo a respeito dele por causa da coragem que ele demonstrou durante os seus oitenta e dois anos de vida. Quero ser corajoso na causa de Cristo. E, em especial, desejo que meus filhos também o sejam. Por isso, medito sobre a coragem de outros. De onde ela vem? Quando procuro descobrir as razões por que John Paton era tão corajoso, uma das razões que encontro é o profundo amor que ele tinha por seu pai.

O tributo que John Paton prestou ao seu piedoso pai já vale o preço de sua *Autobiografia*¹ (que ainda está sendo

1. James C. Paton, *John G. Patton : Missionary to the New Hebrides, An Autobiography Edited by His Brother* (Edimburgo: The Banner of Truth Trust, 1965, orig. 1889, 1891).

impressa). Talvez devido ao fato que tenho quatro filhos (e Thalita), chorei quando li esta parte da autobiografia de John Paton. Encheu-me de anelo por ser um pai como aquele.

Havia um “quartinho” em que o pai de John Paton orava, como regra, depois de cada refeição. Os onze filhos conheciam esse lugar, respeitavam-no e aprenderam algo profundo a respeito de Deus. O impacto sobre John Paton foi imenso.

Mesmo que uma catástrofe indizível pudesse banir de minha memória tudo o que diz respeito à religião (e que tais coisas fossem apagadas de meu entendimento), minha alma ainda se recordaria daquelas cenas antigas; se fecharia novamente no Pequeno Santuário e, ouvindo os ecos daqueles clamores a Deus, resistiria a todas as dúvidas com o vitorioso apelo: “Ele andou com Deus, por que não eu?”²

Não posso explicar o quanto as orações de meu pai me impressionaram, naquele tempo. Nenhum estranho poderia compreendê-lo. Quando, de joelhos, com todos nós ajoelhados ao seu redor, em culto familiar, ele

2. James C. Paton, p. 8.

derramava toda a sua alma, com lágrimas, em favor da conversão do mundo pagão à adoração a Jesus, bem como em favor de necessidades pessoais e familiares, todos nos sentíamos como se estivéssemos na presença do Salvador vivo e aprendíamos a conhecê-Lo e amá-Lo como nosso divino Amigo.³

Uma das cenas capta melhor o amor entre John Paton e seu pai e o poder do impacto sobre a vida de inflexível coragem e pureza de John. Chegou o tempo em que, aos vinte anos de idade, o jovem John Paton deixou a sua casa e foi para Glasgow, estudar teologia e tornar-se um missionário urbano. De sua casa, em Torthorwald, até a estação ferroviária, em Kilmarnock, havia uma jornada de setenta e oito quilômetros. Quarenta anos depois, Paton escreveu:

Meu querido pai caminhou comigo os primeiros dez quilômetros da jornada. Seus conselhos, lágrimas e conversa espiritual naquela jornada de partida ainda estão vivos em meu coração, como se tivessem sido ditos ontem. E lágrimas escorrem em minha face tão

3. Ibidem, p. 21.

livremente agora como naquele dia, sempre que a memória me conduz àquela cena. No último quilômetro desta parte da jornada, caminhávamos juntos em silêncio ininterrupto — meu pai, conforme o seu costume, levava o chapéu na mão, enquanto seus longos cabelos loiros (naquela época, loiros, mas nos anos de velhice, brancos como a neve) escorriam sobre os ombros. Seus lábios se moviam em oração silenciosa em meu favor. E suas lágrimas jorravam imediatamente quando nossos olhos contemplavam um ao outro, em olhares para os quais todas as palavras era vãs! Paramos no ponto de despedida. Ele segurou com firmeza a minha mão, por um minuto, em silêncio, e disse solene e afetuosamente: “Deus te abençoe, meu filho! O Deus de teu pai te faça prosperar e te guarde de todo o mal!

Incapaz de falar mais alguma coisa, os seus lábios continuaram a se mover em oração silenciosa. Em lágrimas, nos abraçamos e partimos. Corri o mais depressa possível e, quando estava para virar em uma curva da estrada, onde ele me perderia de vista, olhei para trás e o vi ainda de pé, com a cabeça sem chapéu, no lugar em que o havia deixado — olhando para mim. Acenando o meu chapéu em despedida, rumei para a curva e sai de vista por um mo-

mento. Meu coração, porém, estava muito sobre-carregado e sentido, para eu seguir adiante; por isso, corri para um lado da estrada e chorei por um tempo. Então, levantando-me cautelosamente, subi um barranco para ver se ele ainda estava onde o havia deixado. E, naquele exato momento, eu o vi subindo o barranco, procurando-me! Ele não me via; e depois de procurar-me atentamente, por alguns instantes, desceu o barranco, fixou seus olhos em direção ao lar e começou a voltar — com sua cabeça ainda descoberta e seu coração, eu tinha certeza, erguendo-se em orações por mim. Eu o via através das lágrimas até que sua forma desapareceu de meu olhar. Então, apressando-me na jornada, votei, com sinceridade e muitas vezes, que com a ajuda de Deus nunca entristeceria nem desonraria um pai e uma mãe como os que Ele me dera.⁴

O impacto das orações, da fé, do amor e da disciplina do pai de John Paton foi incalculável. Que todo pai leia estas palavras e encha-se de anelo e firme resolução de amar desta maneira.

4. Ibidem, pp. 25-26.



Oh! Como amamos chamar-Te Pai!
Embora tenhamos sido decepcionados por pais terrenos
(como todos nós o somos em alguma medida),
O Senhor nunca falhou para conosco.
Tu és perfeito em misericórdia e justiça,
Severidade e bondade, firmeza e doçura.
Concede que sejamos pais assim para nossos filhos.
Faça-nos amar-Te mais do que amamos a eles.
Mostra-lhes que nosso profundo amor por eles
Está arraigado em um amor ainda maior por Ti.
Faça-os corajosos na confiança de que o seu Pai celestial
Será o que temos sido para eles, milhares de vezes melhor.
Em nome de Jesus. Amém.

AJUDANDO OS CRENTES A TEREM SEGURANÇA DA SALVAÇÃO

OS CRENTES SÃO CHAMADOS A LUTAREM POR SUA própria certeza de salvação e a ajudarem os outros a lutarem por esta mesma certeza. Deus almeja que tenhamos certeza de que já somos salvos e desfrutemos de ousada confiança diante de oposição e ameaças. “Estas coisas vos escrevi, a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus” (1 Jo 5.13). O que podemos dizer uns aos outros para ajudar-nos a manter a segurança de salvação? Eis o que eu diria:

1. A plena segurança é a vontade de Deus.

Desejamos, porém, continue cada um de vós mostrando, até ao fim, a mesma diligência para a plena certeza da esperança (Hb 6.11).

2. A segurança é sustentada parcialmente pelas evidências objetivas da verdade cristã.

A estes também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas provas incontesteáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das coisas concernentes ao reino de Deus (At 1.3).

3. A segurança não pode negligenciar a dolorosa obra de auto-análise.

Examinai-vos a vós mesmos se realmente estais na fé; provai-vos a vós mesmos. Ou não reconheceis que Jesus Cristo está em vós? Se não é que já estais reprovados (2 Co 13.5).

4. A segurança diminui na presença de pecado escondido.

Enquanto calei os meus pecados, envelheceram os meus ossos pelos meus constantes gemidos todo o dia (Sl 32.3).

5. A segurança resulta do ouvir a Palavra de Deus.

E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo (Rm 10.17).

Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome (Jo 20.31).

6. Focalizar-se repetidamente na suficiência da cruz de Cristo é crucial para a segurança.

Tendo grande sacerdote sobre a casa de Deus, aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência e lavado o corpo com água pura (Hb 10.21-22).

7. Temos de orar suplicando olhos para vermos as verdades que sustentam a segurança.

Iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos e qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder (Ef 1.18,19).

8. A segurança não é mantida no isolamento pessoal.

Não podem os olhos dizer à mão: Não preci-

samos de ti; nem ainda a cabeça, aos pés: Não preciso de vós (1 Co 12.21).

Exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado (Hb 3.13).

9. A segurança não é destruída pelo desprazer ou pela disciplina de Deus.

Ó inimiga minha, não te alegres a meu respeito; ainda que eu tenha caído, levantar-me-ei; se morar nas trevas, o SENHOR será a minha luz. Sofrerei a ira do SENHOR, porque pequei contra ele, até que julgue a minha causa e execute o meu direito; ele me tirará para a luz, e eu verei a sua justiça (Mq 7.8-9).

10. Freqüentemente, temos de esperar com paciência pelo retorno da segurança.

Esperei confiantemente pelo SENHOR; ele se inclinou para mim e me ouviu quando clamei por socorro. Tirou-me de um poço de perdição, de um tremedal de lama; colocou-me os pés sobre uma rocha e me firmou os passos. E me pôs nos lábios um novo cântico,

um hino de louvor ao nosso Deus; muitos verão essas coisas, temerão e confiarão no SENHOR (Sl 40.1-3).

11. A segurança é uma luta que perdura até ao dia de nossa morte.

Combate o bom combate da fé. Toma posse da vida eterna, para a qual também foste chamado e de que fizeste a boa confissão perante muitas testemunhas (1 Tm 6.12).

Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé (2 Tm 4.7).

12. A segurança é um dom do Espírito Santo.

O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus (Rm 8.16).

Aquele que crê no Filho de Deus tem, em si, o testemunho. Aquele que não dá crédito a Deus o faz mentiroso, porque não crê no testemunho que Deus dá acerca do seu Filho. E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho (1 Jo 5.10,11).



*Pai de misericórdia e paciência,
Agradecemos-Te pelo dom da salvação e da segurança.
Obrigado por não nos deixar sem o Espírito para auxiliar-nos,
Operando em nós o que é agradável aos teus olhos.
Obrigado pela cruz de Cristo
Que nos ajuda a conhecer a amplitude de nosso perdão.
Ajuda-nos a olharmos sempre para Cristo
Em busca de esperança e gozo!
Confirma nossa vocação e eleição
Com as evidências da graça em nossa vida.
Em nome de Jesus, pedimos estas coisas. Amém.*